

Recebido em: 20/12/2022

Aprovado em: 08/08/2023

Publicado em: 17/10/2023

[TRADUÇÃO]

TRABALHO ABSTRATO E VALOR NO SISTEMA DE MARX¹

Por

I. I. Rubin²

Tradução e Revisão técnica

Rafael de Almeida Padial³

(rfpadial@gmail.com)

Resumo: O texto é a transcrição estenográfica corrigida de palestra dada por Isaac I. Rubin em maio e junho de 1927, na reunião da Seção Geral de Economia do Instituto de Economia de Moscou. A palestra desenvolve um dos temas principais do livro *Estudos sobre a teoria do valor de Marx*, de Rubin, provendo assim uma útil introdução ao mesmo. Todavia, vai também além dele em importantes aspectos. A palestra busca tornar mais claro (que nos *Estudos*) a distinção entre a *comensurabilidade social do trabalho*, característica de qualquer sociedade baseada na divisão do trabalho, e a forma específica pela qual essa comensurabilidade é estabelecida na sociedade capitalista, a forma do *trabalho abstrato*. A palestra então se centra ainda na investigação do conceito da *forma de valor* e destaca, numa maneira particularmente clara, o significado das distinções entre valor e valor de troca, trabalho abstrato e trabalho concreto, bem como contribui no debate sobre a metodologia de *O Capital*. À época que a palestra foi proferida, tais questões eram da maior importância política, pois no período da NEP, quando era grande a influência de Rubin, a questão da aplicabilidade da “lei do valor” sob o socialismo, e assim a correta compreensão do conceito de valor.

Palavras-chave: Rubin. Marx. Valor. Capital.

¹ Este texto é a transcrição estenográfica corrigida de uma palestra que foi lida na reunião da Seção Geral de Economia do Instituto de Economia, em maio e junho de 1927. Os editores de *Pod Znamenem Marksizma* [Sob a bandeira do marxismo] referiram-se a ela como uma “contribuição para a discussão”. [nota da edição alemã, doravante “NEA”]

² Este ensaio de I. Rubin apareceu sob o título russo “Abstraktny trud i stoimost w Systeme Marksai” e foi publicado na revista *Pod Znamenem Marksizma* [Sob a bandeira do marxismo] em Moscou, 1927, n. 6, pp. 88-119 (todas as edições da referida revista podem ser encontradas, em formato PDF, no seguinte site: <<https://libcom.org/book/export/html/30763>>, acesso em novembro de 2022). Do russo, o artigo foi traduzido para o alemão por Eva Mayer, com a colaboração de Peter Gerlinghoff, para uma edição única da revista *Projekt Klassenanalyse* [Projeto de análise de classe], publicada em Berlim ocidental em 1975. Seu título em alemão é “Abstrakte Arbeit und Wert im Marxschen System”. Esta tradução, que o leitor de língua portuguesa ora tem acesso, baseou-se na digitalização da versão alemã, disponível em <<http://www.trend.infopartisan.net/trd1004/t151004.html>> (acesso em novembro de 2022). Em algumas passagens de maior complexidade, cotejamos com a tradução para o idioma inglês (baseada na alemã referida) realizada por Kathleen Gilbert e publicada na revista *Capital and Class*, n. 5, verão de 1978. As notas de rodapé são em geral da edição alemã (e aparecerão como “NEA”). As notas desta tradução para o português estão indicadas como “nota do tradutor”, NdT”. As opções finais de tradução são de minha inteira responsabilidade, e, frente a questões complexas, receberam justificativa em notas de rodapé. [NdT]

³ Doutor e Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Campinas.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3759104161090969>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5943-5613>.



I.

Camaradas, eu escolhi trabalho abstrato e valor como tema da minha palestra pelos dois seguintes motivos: primeiro porque, até onde sei, discutiu-se calorosamente em vossos seminários a questão do trabalho abstrato e da forma e conteúdo do valor [*die Form und den Inhalt des Wertes*]⁴. Por isso, decidi organizar minha palestra de modo a abordar em detalhe o problema do trabalho abstrato, mas ao mesmo tempo tratar da questão do valor, sua forma e seu conteúdo.

A segunda razão que me levou a escolher o tema é o fato de ser o principal problema de toda a teoria de Marx. Não à toa a chamamos de teoria do valor-trabalho [*Arbeitswerttheorie*]. O nome já indica que o problema central da teoria é a questão da relação recíproca entre trabalho e valor. Qual é o trabalho que cria ou determina o valor e qual é o valor criado ou determinado pelo trabalho? Eis o problema central da teoria de Marx que gostaria de iluminar nesta palestra.

Antes de passarmos à parte essencial da questão, gostaria de fazer algumas observações metodológicas. Com qual método pretendemos solucionar esse problema? Marx observou, em sua "Introdução à Crítica da Economia Política"⁵, que uma investigação econômica pode ser realizada com dois métodos: pelo da passagem do concreto ao abstrato ou pelo inverso, de passagem do abstrato ao concreto.

O primeiro, o método analítico [*analytische Methode*], consiste em tomar como ponto de partida da investigação um fenômeno concreto complexo, e, deixando de lado a sua multiplicidade característica, selecionar apenas um ou alguns dos seus traços mais importantes, passando assim do conceito mais concreto ao mais abstrato, ao mais pobre [*ärmeren*] ou carente, como diz Marx. Numa análise mais aprofundada, passamos então desse conceito a um ainda mais pobre, até alcançar os conceitos mais abstratos da ciência particular ou do complexo de questões que nos interessam.

⁴ Nesta tradução, embora o conteúdo seja praticamente o mesmo, adotamos "forma **do** valor" para "*Form des Wertes*" e "forma **de** valor" para "*Wertform*". O mesmo vale para "substância do valor" [*Substanz des Wertes*] e "substância de valor" [*Werts substanz*]; "grandeza do valor" [*Größe des Wertes*] e "grandeza de valor" [*Wertgröße*]; "conteúdo do valor" [*Inhalt des Wertes*] e "conteúdo de valor" [*Wertinhalt*] etc. [NdT]

⁵ Ele se refere aqui à "Introdução" [*Einleitung*] aos "Grundrissen der Kritik der Politischen Ökonomie" [Esboços de crítica da economia política, também conhecidos como Manuscritos de 1857/58 ou simplesmente *Grundrisse*], publicada muito antes do manuscrito principal. A seguir, Rubin fala com frequência apenas da *Crítica*, referindo-se à obra de Marx *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* [Para a crítica da economia política], de 1857. [NEA] Correção: a obra *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* é de 1859. [NdT]

Para citar apenas um exemplo, como ilustração do complexo de questões com que temos de lidar, devo lembrar-lhes da relação recíproca entre os seguintes conceitos. A teoria do valor de Marx se baseia nestes conceitos: trabalho abstrato, valor, valor de troca e dinheiro. Se tomarmos o aspecto mais complexo e concreto desses conceitos, o dinheiro, e pelo seu exame passarmos ao conceito de valor de troca, como o conceito mais geral subjacente ao de dinheiro; e então passarmos do valor de troca ao valor e deste ao trabalho abstrato – estaremos nos movendo, assim, do conceito mais concreto ao mais abstrato, ou seja, procederemos segundo o método analítico.

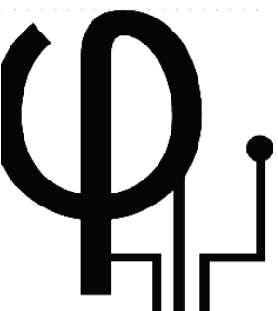
Mas, diz Marx, o método analítico, apesar de necessário no primeiro estágio da investigação científica, não nos satisfaz por si mesmo e deve ser complementado por outro. Depois de, por meio da análise, traçar o fenômeno complexo de volta aos seus elementos básicos, temos de tomar o caminho inverso, e, partindo do mais abstrato dos conceitos, mostrar como ele se desenvolve e nos leva a formas e conceitos mais concretos. Esse caminho de progressão do pensamento, dos conceitos mais pobres aos mais completos e complexos, é, no nosso caso, o [que vai] do trabalho abstrato ao valor, do valor ao valor de troca e deste ao dinheiro.

Esse método é chamado por Marx, a certa altura, de genético [*genetische*], pois com sua ajuda seguimos a gênese e o desenvolvimento das formas complexas. Noutro lugar, ele chama esse método de dialético [*dialektische*]. Podemos acordar em chamar o primeiro método de analítico e o segundo (que inclui tanto o analítico quanto o sintético) de dialético.

Marx indica o dialético como o único método que resolve satisfatoriamente as questões científicas. Com base nisso, temos de examinar o problema que nos interessa aqui – a questão da relação entre trabalho e valor – não apenas com a ajuda do método analítico, mas também com a ajuda do dialético.

Por meio de vários exemplos, Marx nos mostra em que medida o método analítico é inadequado. Gostaria de apresentar três exemplos aqui.

Quanto à teoria do valor, Marx diz: "A economia política de fato analisou valor e grandeza de valor, embora de forma incompleta, e descobriu o conteúdo oculto nessas formas. Mas ela nunca se colocou a questão de por que esse conteúdo [*Inhalt*] assume essa forma [*Form*], por que o trabalho é representado pelo valor e por que o tempo de trabalho [é representado] pela grandeza de valor dos produtos do trabalho." (MARX, 1956, p. 94 e seguinte).



Noutra passagem, voltada à teoria do dinheiro, Marx afirma: "Se nas últimas décadas de século XVII a análise do dinheiro já começava a entender que o dinheiro é uma mercadoria, tratava-se apenas do começo. A dificuldade não consiste em entender que o dinheiro é uma mercadoria, mas em saber como, por que e por que meios a mercadoria é dinheiro." (MARX, 1956, p. 107). Aqui, como se vê, o método dialético outra vez se diferencia do analítico.

Por fim, noutra passagem, ao discutir religião, Marx repete a ideia – expressa anteriormente – de que é muito mais fácil descobrir, pela análise, o núcleo das estranhas concepções religiosas, do que, em sentido contrário, desenvolver, a partir das atuais relações da vida real, as formas correspondentes a tais relações. O último método é o único materialista e, conseqüentemente, o único científico (MARX, 1956, p. 393).

De acordo com essas indicações de Marx, temos de resolver nosso problema da seguinte maneira. Nossa tarefa não consiste apenas em mostrar que o valor de um produto pode ser rastreado até o trabalho. Temos também de mostrar o inverso; descobrir como as relações de trabalho entre as pessoas encontram sua expressão em valor.

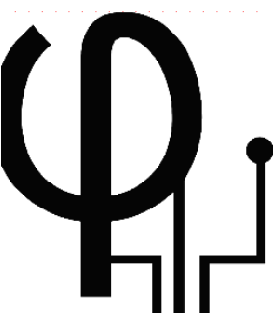
Esse é, precisamente, o problema fundamental; e que deve ser considerado, do ponto de vista metodológico, o mais correto [a ser apresentado] do ponto de vista marxista.

Ao apresentar a questão dessa maneira, tomamos como ponto de partida da investigação o conceito de trabalho e não o conceito de valor. Definiremos o conceito de trabalho de tal forma que o conceito de valor também resulte dele.

Os requisitos metodológicos já nos dão algumas indicações quanto à definição correta do conceito de trabalho.

O conceito de trabalho deve ser definido por nós de tal maneira que contenha todas as características da organização social do trabalho, características das quais provém a forma do valor, inerente aos produtos do trabalho. Um conceito de trabalho do qual não decorre o conceito de valor, e, particularmente, um conceito de trabalho em sentido fisiológico [*im physiologischen Sinn*], ou seja, o conceito de trabalho que carece dos traços característicos da organização social sob a produção mercantil, não leva à conclusão que pretendemos obter com o ponto de vista marxista sobre o método dialético.

A seguir, tentarei mostrar que a diferença de concepção entre a compreensão sociológica [*soziologischen*] e a fisiológica sobre o trabalho abstrato [*abstrakten Arbeit*] em parte pode ser atribuída, precisamente, à distinção entre os dois métodos, o dialético e o analítico. Ainda que do ponto de vista do método analítico a concepção



fisiológica do trabalho abstrato possa se sustentar com mais ou menos sucesso, do ponto de vista do método dialético ela está fadada ao fracasso desde o início, pois não se pode concluir, do conceito de trabalho em sentido fisiológico, qualquer ideia do valor como forma social necessária do produto do trabalho.

Assim devemos definir o trabalho de tal maneira que, a partir dele – do trabalho e de sua organização social –, possamos compreender toda a necessidade do valor, do valor como a forma social fundamental que os produtos do trabalho assumem sob a produção mercantil; e de modo que as leis de movimento do valor também se tornem compreensíveis para nós.

Passando à análise do trabalho, começaremos pelo conceito mais simples, o conceito de trabalho concreto ou útil [*konkreten oder nützlichen*].

Trabalho concreto é visto por Marx como um trabalho em sua atividade útil, como trabalho que cria produtos necessários à satisfação das necessidades humanas. Trabalho, compreendido nessa faceta técnico-material, representa trabalho concreto.

É auto-evidente que trabalho concreto não nos interessa em nada quando falamos do indivíduo, do Robinson Crusoe contraposto à natureza, uma vez que o objeto da nossa ciência não é a produção de um único indivíduo, mas a produção social, a produção de todo um grupo de pessoas, organizadas na base de uma específica divisão social do trabalho. O sistema da divisão social do trabalho é a totalidade dos vários tipos de trabalhos concretos, unificados num sistema determinado e se complementando materialmente uns aos outros.

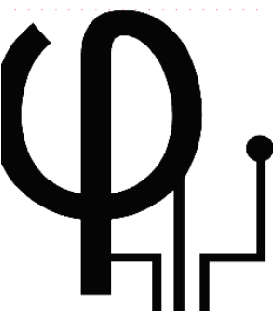
E assim passamos do trabalho concreto em geral ao sistema da divisão social do trabalho, enquanto totalidade de vários tipos de trabalhos concretos.

Precisamos olhar mais de perto o conceito de divisão social do trabalho, dado que ele tem um papel fundamental na compreensão de toda a teoria do valor de Marx.

Marx diz que o sistema da divisão social do trabalho pode aparecer em forma dupla [*zweifacher Form*] – como ele chama –, enquanto um sistema que é mediado pela troca ou um sistema que não necessita de tal mediação. Por exemplo [quanto ao último elemento] a economia natural de um clã amplo, uma comunidade socialista [*sozialistischen Gemeinschaft*] etc.

Examinemos primeiro o sistema de uma divisão social do trabalho organizada que se desenvolveu sem as trocas.

Quando falamos do sistema de uma divisão social do trabalho organizada, temos frente a nós não apenas trabalho técnico-material, concreto, mas também



trabalho social. Em Marx, o conceito de divisão social do trabalho está na fronteira entre [1] o conceito de trabalho concreto e útil e [2] o [conceito de] trabalho social numa produção social. Por um lado, já no começo da seção sobre o caráter dúplice [*Doppelcharakter*] do trabalho (MARX, 1956, p. 56 e seguintes), Marx examina a divisão social do trabalho como uma totalidade de modos concretos de trabalho. Em outra parte do livro, particularmente no capítulo sobre a manufatura (MARX, 1956, p. 371 e seguintes), ele examina o sistema da divisão social do trabalho do ponto de vista das relações humanas de produção que caracterizam esse sistema. Na produção organizada, as relações entre as pessoas são relativamente simples e transparentes. O trabalho assume uma forma social imediata [*eine unmittelbar gesellschaftliche Form*], ou seja, há uma organização social determinada e órgãos sociais determinados, os quais distribuem o trabalho entre os membros individuais da sociedade, pelo que o trabalho de cada pessoa entra imediatamente na produção social como trabalho concreto, com todas as suas características materiais concretas. O trabalho de cada pessoa é social precisamente porque difere do trabalho dos outros membros da sociedade e representa um complemento material a eles. O trabalho é imediatamente social em sua forma concreta. Ao mesmo tempo, é também trabalho dividido. Pois uma organização social do trabalho consiste na divisão do trabalho entre os membros individuais da sociedade, ou, dito de outro modo, no fato de que a divisão do trabalho ocorre por ação de algum órgão social. O trabalho é ao mesmo tempo social e compartilhado, possuindo tais características também em sua forma material técnica, concreta ou útil.

Façamos agora esta pergunta: o trabalho numa comunidade organizada também é socialmente equiparado [*gleichgesetzt*]? Encontramos nessa comunidade um processo que poderíamos chamar de processo de equiparação [*Gleichsetzungsprozeß*] social do trabalho?

Quanto a esse problema, há diversos pontos de vista. Alguns economistas sustentam que tal equiparação social do trabalho sempre existiu nas comunidades de produção baseadas na divisão do trabalho – e numa forma que não se diferencia essencialmente da equiparação do trabalho sob a produção mercantil.

Em sentido contrário, alguns economistas afirmam que o processo de equiparação social do trabalho é apropriado apenas à produção mercantil e não ocorre em nenhuma outra forma de produção. Em particular, tais economistas negam a possibilidade e a necessidade da equiparação social do trabalho numa economia socialista.

Eu sugeri um caminho intermediário em meu livro; aponte que toda produção baseada na divisão do trabalho recorre, até certo grau, de uma forma ou outra, à equiparação social dos trabalhos de diferentes tipos e indivíduos. Relacionado a isso, aponte também que essa equiparação do trabalho adquire uma forma social muito particular sob a produção mercantil, dando lugar ao aparecimento de uma categoria completamente nova – a do trabalho abstrato [*abstrakten Arbeit*]. Acho que Marx considerou a questão dessa maneira, embora não tenhamos uma afirmação tão clara dele a respeito. Sei de uma observação explícita, na primeira edição de *O Capital*. Lá ele afirma: "Em cada forma social do trabalho, os trabalhos dos vários indivíduos também se relacionam uns aos outros como trabalho humano, mas aqui essa própria relação conta como a forma social específica [*spezifisch gesellschaftliche Form*] do trabalho." (MARX, 1966, vol. 2, p. 238).

Analisaremos o final dessa frase mais adiante. Por ora, apenas afirmo que, ao que parece, na visão de Marx, em toda forma social de trabalho o trabalho dos indivíduos singulares se relaciona entre si enquanto trabalho humano. Certamente, os partidários radicais da tese fisiológica alegarão que Marx quis dizer aqui apenas igualdade fisiológica dos vários tipos de trabalho. Mas essa interpretação me parece forçada. Tanto o sentido particular da sentença, que fala de "forma social do trabalho", quanto diversas outras passagens de *O Capital*, indicam que Marx quis dizer aqui o processo social de equiparação do trabalho.

Acho necessário acrescentar certa qualificação à fórmula acima, segundo a qual a equiparação social do trabalho ocorre em qualquer forma de produção social.

Creio que na família primitiva [*Urfamilie*], por exemplo, na qual o trabalho era dividido entre homem e mulher e vinculado ao representante de cada sexo, na qual a mudança do trabalho masculino ao feminino não existia e era até proibida, o processo de equiparação social do trabalho não ocorria, nem mesmo em forma embrionária. Além disso, nas organizações sociais baseadas na extrema desigualdade dos estratos sociais (por exemplo, na escravidão), a equiparação social do trabalho só podia ocorrer entre membros de um grupo social específico (por exemplo, entre escravos ou entre uma categoria específica de escravos). Em tal sociedade, nem mesmo o conceito de trabalho [*Begriff der Arbeit*], enquanto tal, como função social, podia ser estabelecido.

Se deixarmos de lado a organização social baseada na extrema desigualdade entre os sexos ou entre grupos particulares – e tratarmos de uma ampla comunidade com divisão do trabalho, por exemplo a encontrada nas largas associações familiares dos

eslavos do sul –, creio que o processo de equiparação social é necessário. E ele é ainda mais necessário numa ampla comunidade socialista. Mas esse processo de equiparação do trabalho numa comunidade organizada difere essencialmente do processo que ocorre sob a produção mercantil. Imaginemos realmente uma comunidade socialista, na qual o trabalho é distribuído entre os membros da sociedade. Um determinado órgão social equipara os trabalhos de diferentes tipos e diferentes indivíduos, dado que sem tal órgão não pode haver planejamento econômico. Mas em tal comunidade o processo de equiparação do trabalho é secundário e apenas complementar [*sekundär und nur ergänzend*] ao processo de socialização e divisão do trabalho. O trabalho é antes de tudo social e compartilhado. A característica do trabalho socialmente equiparado entra aqui como derivada ou suplementar [*abgeleitetes oder ergänzendes*]. As principais características do trabalho são seus aspectos social e compartilhado; seu aspecto de equiparação social é um traço adicional [*zusätzliches*].

Gostaria de aproveitar a oportunidade e dizer que, para uma discussão clara das questões que nos interessam, considero útil distinguir os seguintes três termos sobre a noção de trabalho:

- 1) trabalho fisiologicamente igual;
- 2) trabalho socialmente equiparado;
- 3) trabalho abstrato, conforme usado por Marx, ou melhor: trabalho universal abstrato [*abstrakt allgemeine Arbeit*] (um termo que Marx usa na *Crítica*).

A semelhança fisiológica dos vários modos de trabalho existiu em todas as épocas históricas e a possibilidade de os indivíduos mudarem de uma ocupação para outra é o pré-requisito de qualquer divisão social do trabalho. Trabalho socialmente equiparado é característico de todos os sistemas com divisão social do trabalho, ou seja, não apenas da produção mercantil, mas também, por exemplo, de uma comunidade socialista. Por fim, o terceiro conceito de trabalho, como universal abstrato, é característico apenas da produção mercantil. Trataremos desse conceito mais à frente. Até aqui falamos apenas do segundo conceito, o de trabalho socialmente equiparado e dividido.

Vejamos agora as mudanças que ocorrem na nossa comunidade de organização do trabalho quando a imaginamos não na forma de um todo organizado, mas na forma de unidades produtivas individuais e combinadas, [na forma] de produtores privados de mercadorias, ou seja, na forma da produção mercantil.

Numa produção mercantil também encontramos as características sociais do trabalho comentadas acima, que observamos anteriormente sobre a comunidade organizada. Aqui também encontramos trabalho social, trabalho dividido e trabalho socialmente equiparado; mas todos esses processos de socialização, de equiparação e de divisão do trabalho ocorrem numa forma completamente diferente [*völlig anderen Form*]. A inter-relação entre essas três características é agora completamente diferente, antes de tudo porque na produção mercantil falta a organização social imediata [*unmittelbar*] do trabalho; o trabalho não é imediatamente social.

Na produção mercantil, o trabalho de um indivíduo, um único produtor de mercadorias, não é imediatamente regulado pela sociedade, e, por si mesmo, em sua forma concreta, ainda não pertence à produção social. O trabalho apenas se torna social, sob a produção mercantil, quando assume a característica de trabalho socialmente equiparado; o trabalho de cada produtor de mercadoria apenas se torna social em virtude do fato de que seu produto é assemelhado [*angeglichen*] aos produtos de todos os outros produtores de mercadorias, e que o trabalho de um indivíduo específico é então assemelhado ao trabalho de todos os outros membros da sociedade e a todos os outros tipos de trabalho. Não há outra característica para definir o caráter social do trabalho na produção mercantil. Aqui não há nenhum plano previamente concebido para a socialização da divisão do trabalho, portanto o único indicativo de que o trabalho do indivíduo particular está incluído dentro do sistema social de produção é a troca [*Austausch*] do produto de um trabalho específico por qualquer outro produto. Assim, em comparação com a comunidade socialista, as características sociais e equiparadas do trabalho trocam de papéis na produção mercantil. Previamente [na comunidade socialista], o trabalho caracterizado como igual ou equiparado era um resultado secundário de um processo, um ato derivativo de um órgão social que socializou e distribuiu o trabalho. Agora o trabalho apenas se torna social na forma em que é equiparado a todos os tipos de trabalho, e por isso se torna trabalho socialmente equiparado.

Eu gostaria de apresentar aqui algumas citações de Marx que confirmam isso.

O exemplo mais inequívoco pode ser encontrado na *Crítica*, onde Marx afirma que o trabalho só se torna social "ao assumir a forma do seu oposto imediato, o trabalho universal abstrato" (MARX, 1961b, p. 21), ou seja, a forma da equiparação a todos os outros tipos de trabalho. "Trabalho abstrato e em tal forma social" – era assim que Marx frequentemente caracterizava a forma social do trabalho sob a produção

mercantil. Devo também lembrar a bastante conhecida passagem de *O Capital* onde se afirma que na produção mercantil "o caráter especificamente social do trabalho privado e independente frente a outros consiste em sua igualdade [*Gleichheit*] como trabalho humano." (MARX, 1956, p. 88).

Então, sob a produção mercantil, a ênfase no caráter social do trabalho muda do atributo do trabalho socializado àquele do trabalho igual ou socialmente equiparado, e que apenas se torna trabalho socialmente equiparado por meio da equiparação dos produtos do trabalho. O conceito da igualdade do trabalho [*Gleichheit der Arbeit*] desempenha um papel importante na teoria do valor de Marx precisamente porque na produção mercantil o trabalho só se torna social em sua qualidade de trabalho igual.

Assim como o traço social do trabalho decorre, sob a produção mercantil, de seu caráter de igualdade de trabalho, o mesmo ocorre com o seu aspecto de trabalho dividido. A divisão do trabalho na produção mercantil não consiste em sua distribuição consciente, correspondente a necessidades determinadas, previamente estabelecidas; ao contrário, é regulada pelo princípio do lucro igual na produção. A divisão do trabalho entre ramos individuais de produção ocorre de tal forma que em todos os ramos da produção os produtores de mercadorias recebem uma soma igual de valor se dispõem uma igual quantidade de trabalho.

Estabelecemos as três características do trabalho [*drei Merkmale der Arbeit*] como sendo trabalho social, trabalho socialmente equiparado e trabalho dividido. Todas essas características também pertencem ao trabalho em uma sociedade socialista, mas mudam completamente seu caráter e sua inter-relação quando comparadas à produção mercantil. As três características do trabalho, listadas aqui, são a base sobre a qual se desenvolvem os três aspectos do valor [*drei Aspekte des Wertes*]. Marx considera o valor como a unidade das formas de valor, da substância de valor e da grandeza de valor. "Mas o decisivamente importante era descobrir a conexão interna necessária entre a forma de valor, a substância de valor e a grandeza de valor." (MARX, 1966, p. 240). A unidade da forma, substância e grandeza do valor reflete a unidade do trabalho como social, socialmente equiparado e quantitativamente dividido. Sob a produção mercantil, as relações de trabalho e produção são "objetificadas" [*vergegenständlicht*] e as características sociais do trabalho assumem a forma de atributos "objetificados" do produto do trabalho. A "forma de valor" é a forma social do produto do trabalho, que reflete o caráter social particular do trabalho na produção mercantil. A "substância de valor" representa trabalho socialmente igual. E, por fim, a "grandeza de valor" é

a expressão da divisão social do trabalho, ou, mais precisamente, do aspecto quantitativo da divisão do trabalho.

A característica tríplice [*dreifache Charakteristik*] do trabalho, sugerida por nós, ajuda a explicar a relação que existe entre forma, substância e grandeza do valor no sistema de Marx. Em particular, essa divisão esclarece alguns problemas da elaboração da seção do "fetichismo da mercadoria" por Marx.

Permitam-me ler essa seção [do fetichismo da mercadoria] a partir do segundo parágrafo: "Com efeito, em primeiro lugar, por mais variados que sejam os trabalhos úteis ou as atividades produtivas, é uma verdade fisiológica [*eine physiologische Wahrheit*] que são, antes de tudo, funções do organismo humano, e que toda função semelhante, quaisquer que sejam o seu conteúdo e a sua forma, é essencialmente um dispêndio de cérebro, nervos, músculos, órgãos, sentidos etc. humanos. Em segundo lugar, quanto ao que fundamenta a grandeza de valor – isto é, a duração do dispêndio ou a quantidade de trabalho –, essa quantidade é mesmo bem diferente da qualidade do trabalho. [...] Enfim, desde que os homens trabalham uns para os outros de alguma forma, o seu trabalho adquire também uma forma social." (MARX, 1956, p. 85 e seguinte).

Nos três pontos citados, Marx indica que podemos observar as três características do trabalho, social, igual e dividido quantitativamente, não apenas na produção mercantil, mas também em outras formas de produção.

Mas, pergunta Marx, "de onde provém então o caráter enigmático [*rätselhafte Charakter*] do produto do trabalho, tão logo ele assuma a forma de mercadorias?" E ele próprio responde: óbvia e diretamente da forma das mercadorias [*Warenform*], na qual as três características do trabalho já estão transformadas, "reificadas", no valor dos produtos do trabalho. "A igualdade do trabalho humano adquire a forma coisal [*sachliche Form*] da igual objetividade de valor dos produtos do trabalho; a medida do dispêndio da força de trabalho humana, pela sua duração, adquire a forma de grandeza de valor dos produtos do trabalho; por fim, as relações entre os produtores, nas quais são afirmadas as determinações sociais dos seus trabalhos, adquirem a forma de uma relação social dos produtos do trabalho." (MARX, 1956, p. 86).

Nesses três pontos, Marx já fala da substância, da grandeza e da forma do valor. Seu raciocínio pode ser seguido de forma particularmente clara na primeira edição de *Capital*, na qual as três sentenças citadas são imediatamente seguidas por uma página completa sobre a substância, a grandeza e a forma do valor. Na segunda edição, os comentários sobre substância, grandeza e forma do valor foram aparentemente

omitidos por Marx. Na realidade, foram apenas adiados. Os três parágrafos que precedem a análise das diversas formas de produção (produção do Robinson, produção medieval etc.) são dedicados à substância, à grandeza e à forma do valor⁶.

Alcançamos agora a conclusão de que trabalho igual pode significar primeiro trabalho fisiologicamente igual, o qual consideramos apenas brevemente; em segundo lugar, pode significar trabalho socialmente equiparado, e esse tipo de trabalho existe não apenas na produção mercantil, mas também, digamos, numa comunidade socialista ou outra ampla comunidade baseada na divisão social do trabalho; por fim, há o trabalho universal abstrato, ou seja, o trabalho socialmente equiparado na forma específica e apropriada à produção mercantil, trabalho que se torna social e dividido apenas no processo de equiparação social. Apenas esse trabalho socialmente equiparado pode ser descrito como abstrato ou universal abstrato. Temos de mencionar aqui que Marx faz várias alusões aos três tipos de equiparação do trabalho na *Crítica da Economia Política*, ou seja, ao fisiológico, ao socialmente equiparado em geral e ao socialmente equiparado sob a produção mercantil. É verdade que Marx não traça nenhuma distinção absolutamente clara, mas temos de apontar que ele distingue esses três termos: trabalho humano, trabalho equiparado e trabalho universal abstrato. Eu não diria que esses três termos coincidem com os que caracterizamos antes – trabalho fisiologicamente igual, socialmente equiparado e abstrato – mas há pontos de contato.

Ao lidar com o problema do trabalho abstrato, não podemos nos ater, portanto, à característica preliminar do trabalho enquanto fisiologicamente igual, nem à característica do trabalho como socialmente equiparado. Temos de fazer a transição dessas duas características à terceira e investigar essa forma específica de trabalho equiparado, peculiar à produção mercantil, ou seja, ao sistema de divisão social do trabalho baseado na troca.

Consequentemente, não apenas os seguidores da concepção fisiológica do trabalho abstrato se enganam, em nossa opinião, mas também os camaradas que por trabalho universal abstrato entendem o trabalho equiparado, independentemente da forma específica em que ocorre essa equiparação.

⁶ Um parágrafo inteiro é dedicado à substância de valor, começando com as seguintes palavras: "As pessoas não relacionam os produtos dos seus trabalhos uns aos outros como valores porque tais coisas são consideradas meros invólucros de trabalho humano igual" etc. (cf. MARX, 1956, p. 88). O parágrafo seguinte é dedicado à grandeza de valor e um outro à forma de valor. [NEA]

Temos de acrescentar que os dois conceitos de trabalho, o fisiologicamente equiparado e o socialmente equiparado, são frequentemente confundidos e não distinguidos de forma suficientemente clara. O conceito de trabalho universal abstrato naturalmente implica a igualdade fisiológica e a equiparação social do trabalho, mas, além dessas duas características, inclui também a equiparação social do trabalho na forma específica assumida sob a produção mercantil.

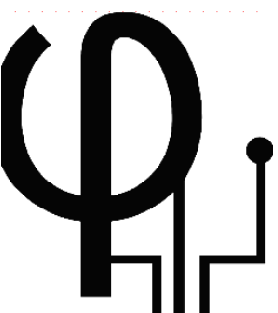
Poderíamos apresentar diversas citações do próprio Marx para mostrar como ele é grosseiramente mal interpretado pelos seguidores da concepção fisiológica do trabalho abstrato. Gostaria de ler aqui apenas uma citação, bastante característica. Em seu breve esboço sobre a concepção de Franklin, Marx afirma que ele reduz inconscientemente todas as formas de trabalho a um aspecto, apesar de não estar interessado em saber se era trabalho de sapateiro, alfaiate etc. Franklin acreditava que o valor era determinado por "trabalho abstrato, que não tem qualidade particular e por isso pode ser medido meramente em termos de quantidade". Franklin percebeu o trabalho abstrato, "mas", acrescenta Marx, "dado que não explica que trabalho expresso em valor de troca é trabalho social universal e abstrato, produzido pela alienação [*Entäußerung*] universal do trabalho individual, ele necessariamente confunde dinheiro com a encarnação imediata desse trabalho alienado." (MARX, 1961b, p. 42).

Aqui é evidente que Marx contrasta claramente trabalho abstrato e trabalho universal abstrato. O trabalho universal abstrato, contido no valor, é o trabalho especificamente apropriado à produção mercantil. Atingimos então a seguinte conclusão.

Se analisarmos o problema da relação entre trabalho e valor não apenas do ponto de vista do método analítico, mas também do ponto de vista do dialético, devemos tomar o conceito de trabalho como o ponto de partida e desenvolver o conceito de valor a partir dele.

Se seguirmos o método analítico, começarmos pelo valor e perguntarmos o que está por trás desse conceito, certamente poderemos dizer que trabalho fisiologicamente igual e trabalho socialmente equiparado jazem ocultos sob o valor dos produtos. Mas nenhuma das respostas será adequada, dado que não há como fazer a passagem do trabalho fisiologicamente igual ou socialmente equiparado ao valor.

Para ir dialeticamente do conceito de trabalho ao de valor, temos de incluir também no conceito de valor os traços que caracterizam a organização social do trabalho sob a produção mercantil e necessitam da aparição do valor como a forma social particular do produto do trabalho. Consequentemente, esse conceito de trabalho



universal abstrato deve ser muito mais rico não apenas que o conceito de igualdade fisiológica do trabalho, mas também do que o da equiparação social do trabalho em geral.

II.

Fomos do trabalho fisiologicamente igual ao trabalho socialmente equiparado, e, deste, ao trabalho universal abstrato.

Enriquecemos a nossa definição de trabalho com novas características em três estágios da nossa investigação, e apenas quando passamos ao terceiro estágio e definimos o trabalho como universal abstrato, do qual deve necessariamente decorrer a categoria do valor [*Kategorie des Wertes*], tornou-se possível passar do trabalho ao valor.

Poderíamos definir o trabalho abstrato mais ou menos assim: como trabalho abstrato é designada aquela parte do trabalho social total que foi igualada no processo de divisão social do trabalho por meio da equiparação dos produtos do trabalho no mercado⁷.

Em meu livro *Estudos sobre a teoria do valor de Marx*⁸ dei mais ou menos essa definição. Acho necessário acrescentar que a natureza social do trabalho abstrato não se limita ao fato de que o conceito de valor decorre necessariamente desse conceito. Como já esbocei em meu livro, o conceito de trabalho abstrato também leva necessariamente ao conceito de dinheiro, e, do ponto de vista marxista, isso é inteiramente consistente. De fato, definimos trabalho abstrato como o trabalho que é igualado por meio da equiparação universal de todos os produtos do trabalho, mas equiparar todos os produtos do trabalho só é possível equiparando cada um deles a um equivalente universal [*allgemeines Äquivalent*]. Consequentemente, o produto do trabalho abstrato só pode ser assemelhado a todos os outros produtos na forma em que aparece como um equivalente universal ou potencialmente pode ser trocado por um equivalente universal.

Na *Crítica da Economia Política* pode-se ver, de forma particularmente clara, que, para Marx, o conceito de trabalho abstrato está inseparavelmente ligado ao de equivalente universal.

⁷ Em alemão: "Als abstrakte Arbeit wird jener Teil der gesamten gesellschaftlichen Arbeit bezeichnet, der im Prozeß der gesellschaftlichen Teilung der Arbeit durch die Gleichsetzung der Arbeitsprodukte auf dem Markt gleichgestellt wurde." [NdT]

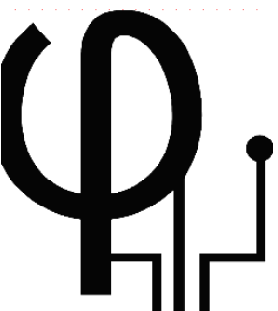
⁸ Ver (RUBIN, 1973). Entretanto, essa edição foi encurtada nos primeiros capítulos do original russo. Neles, Rubin desenvolve as principais características da teoria do valor-trabalho e os pressupostos objetivos do fetichismo da mercadoria. [NEA]

Aqui [em *Para a crítica da economia política*], Marx aborda a investigação sobre o trabalho abstrato no seguinte sentido. Assim como em *O Capital*, ele parte da mercadoria ou do valor e descobre analiticamente o que está por trás do valor, o trabalho universal abstrato (MARX, 1961b, p. 17). Depois de passar – por meio da análise – da igualdade dos valores à igualdade do trabalho, ele se encaminha a uma caracterização sociológica detalhada desse trabalho igual, das "categorias sociais do trabalho", daquele "social [...] no sentido particular do termo", apropriado à produção mercantil (MARX, 1961b, p. 19). Numa produção mercantil, o caráter social do trabalho se expressa assim: "o trabalho do indivíduo assume a forma abstrata do universal, ou seu produto a forma de um equivalente universal." (MARX, 1961b, p. 21). "Como tempo de trabalho universal, representa-se num produto universal, num equivalente universal." (MARX, 1961b, p. 20). "O trabalho de um indivíduo, para resultar em valor de troca, deve resultar em um equivalente universal." (MARX, 1961b).

Como podemos ver, Marx vincula inseparavelmente a categoria de trabalho abstrato ao conceito de equivalente universal ou dinheiro. Temos então de levar ainda mais longe a caracterização social do trabalho abstrato, aprofundando-a, sem nos limitar à assemelhação [*angeglichen*] do trabalho pela equiparação dos produtos. Temos de acrescentar que o trabalho se torna abstrato ao ser assemelhado numa forma determinada de trabalho, ou pela assemelhação do seu produto a um equivalente universal, que é, portanto, considerado por Marx como a objetivação ou materialização do trabalho abstrato.

Do ponto de vista do que apresentamos, nota-se um interessante paralelo entre Marx e Hegel. O próprio termo "universal abstrato" [*abstrakt allgemein*], como se sabe, é uma reminiscência de Hegel. Ele distingue o universal abstrato do universal concreto [*Konkret Allgemeinen*]. A diferença entre ambos pode ser reduzida ao fato de que o universal concreto é aquele que não exclui as diferenças entre os objetos circunscritos por esse universal, ao passo que o universal abstrato exclui tais diferenças.

Para entender precisamente por que Marx chama de universal abstrato o trabalho equiparado dos produtores de mercadorias, temos de comparar o processo de equiparação do trabalho numa comunidade socialista ao mesmo processo sob a produção mercantil. Notemos a seguinte diferença. Assumamos que algum órgão compare os vários tipos de trabalho, uns aos outros, numa comunidade socialista. O que ocorre aí? Esse órgão considera todos esses tipos de trabalho em sua forma concreta e útil, pois é precisamente nessa forma que os vincula, mas ao fazê-lo abstrai um de seus aspectos



e diz que esses tipos de trabalho são iguais nas circunstâncias dadas. Nesse caso, a igualdade aparece como uma característica desses tipos concretos de trabalho, como uma característica que foi abstraída dessas formas; mas essa categoria universal de igualdade não destrói sua diferença concreta, que se manifesta como trabalho útil.

Tal comparação é impossível na produção mercantil, dado que não há um órgão que conscientemente equacione todos esses tipos de trabalho. O trabalho de um fiandeiro e o de um tecelão não podem ser equiparados enquanto trabalhos úteis e concretos. Sua equiparação resulta apenas indiretamente, pela assimilação de cada um a uma terceira forma de trabalho, a saber, o trabalho "universal abstrato" (MARX, 1961b). Esse modo determinado de trabalho é "universal abstrato" (e não universal concreto) precisamente porque não inclui as diferenças entre os vários tipos de trabalhos concretos; pelo contrário, exclui tais diferenças: esse tipo se opõe a todos os tipos concretos de trabalho na medida em que se manifesta como seu substituto ou representante [*Vertreter oder Repräsentant*].

O fato de que Marx nesse caso trabalhava com a distinção entre universal abstrato e universal concreto, como ocorre em Hegel, pode ser observado claramente na primeira edição de *O Capital*, na qual, em geral, os traços dos conceitos e da terminologia hegelianos se destacam muito mais claramente do que na segunda [edição]. Veja-se neste parágrafo: "Dentro da relação de valor e da expressão de valor nela incluída, o universal abstrato não conta como propriedade do concreto, sensível-efetivo [*Eigenschaft des Konkreten, Sinnlich-Wirklichen*]; ao contrário, o sensível-concreto [conta] como mera manifestação ou forma determinada de efetivação do universal abstrato [...]. Essa inversão [*Verkehrung*], na qual o concreto-sensível conta apenas como a forma de manifestação [*Erscheinungsform*] do universal abstrato – e não, pelo contrário, o universal abstrato como propriedade do concreto –, caracteriza a expressão de valor. Isso tudo, ao mesmo tempo, dificulta a compreensão." (MARX, 1959, p. 771).

Noutra passagem, diz Marx: "É como se, ao lado e à parte dos leões, tigres, lebres e todos os outros animais efetivos, que se agrupam para formar os vários gêneros, espécies, subespécies, famílias etc. do reino animal, existisse também O Animal, a encarnação individual de todo o reino animal." (MARX, 1966, p. 234).

Se queremos decifrar essa frase de Marx, temos de afirmar que na produção mercantil o universal abstrato realmente não se manifesta como uma marca ou característica do concreto, do sensível-efetivo (isto é, dos tipos concretos de trabalho), pois para abstrair os traços especificamente universais desses tipos

concretos de trabalho seria necessário um órgão unificado, inexistente sob a produção mercantil. Portanto, os tipos concretos de trabalho não são assemelhados uns aos outros pela abstração de algumas características universais, mas por meio da comparação e equiparação de cada um desses tipos a um concreto particular e determinado, que serve como "forma de manifestação" do trabalho universal. Para que o trabalho concreto se torne universal, o trabalho universal deve aparecer na forma de trabalho concreto. "[...] Representação do tempo de trabalho do indivíduo como tempo de trabalho universal ou representação do tempo de trabalho universal como tempo de trabalho individual." (MARX, 1961b, p. 20).

Somente a partir desses comentários de Marx, que mostram claramente traços da influência de Hegel, pode-se compreender passagens da *Crítica* mencionadas antes, nas quais Marx afirma que sob a produção mercantil o trabalho só se torna social ao assumir a forma de universalidade abstrata.

Essa ideia de Marx é geralmente relacionada às suas concepções sobre a sociedade burguesa. Já em seus primeiros trabalhos – na *Ideologia Alemã*, por exemplo – ele expressa a ideia de que na sociedade burguesa, na qual falta uma organização social central da produção, a representação do interesse social sempre cabe a alguma organização, um grupo de pessoas, uma única classe. Essa única classe social declara que os seus interesses parciais são os interesses de toda a sociedade e dá às suas ideias a "forma da universalidade". O interesse particular é expresso como o universal e o universal como o dominante (MARX & ENGELS, 1959, p. 47 e seguinte). Se compararmos tais observações de Marx na *Crítica* àquelas em que diz que o trabalho social assume "a forma abstrata da universalidade", e que o valor de uma mercadoria assume a forma de uma mercadoria particular e determinada, a forma do dinheiro [*Form des Geldes*], então fica óbvia a estreita relação ideal entre esses conceitos.

Para encerrar o problema do trabalho abstrato, abordemos agora duas críticas que me foram dirigidas tanto no artigo de Daschkowskij⁹ quanto por vários outros camaradas.

⁹ Ver (DASCHKOWSKIJ, 1926). [NEA] Na realidade, diferentemente do que informa a tradução alemã, a crítica de Daschkowskij ao livro de Rubin foi publicada em três partes: no referido número 6 da revista, em 1926, mas também nos números 4 e 5 do ano de 1927 (doze números da revista eram publicados a cada ano). As três partes da crítica a Rubin podem ser encontradas, no original russo, em <<https://libcom.org/book/export/html/30763>>. Elas também podem ser lidas em inglês em: 1 <<https://libcom.org/library/abstract-labour-economic-categories-marx-isaak-dashkovskij>>; 2 <<https://libcom.org/article/international-exchange-and-law-value-isaak-dashkovskij>>; 3 <<https://libcom.org/article/international-exchange-and-law-value-conclusion-isaak-dashkovskij>>. Acesso geral aos endereços digitais: novembro de 2022. [NdT]

A primeira crítica foi que eu, por assim dizer, busco substituir o trabalho abstrato pelo processo de abstração das características concretas do trabalho, ou seja, que procuro substituir o trabalho abstrato pela forma social da organização do trabalho.

Devo admitir que tal substituição, se realmente ocorresse, seria um desvio da teoria de Marx. Sustentamos, entretanto, que o caráter das relações de produção entre as pessoas, numa produção mercantil, significa necessariamente que o trabalho, em seus aspectos qualitativo e quantitativo, encontra sua expressão no valor e na grandeza de valor de uma mercadoria. Se em vez do trabalho abstrato tomássemos apenas a forma social da organização do trabalho, isso apenas nos ajudaria a explicar a "forma do valor", ou seja, a forma social que um produto do trabalho assume. Poderíamos também esclarecer por que um produto do trabalho assume a forma de uma mercadoria que tem valor. Mas não saberíamos por que esse produto assume essa determinação quantitativa de valor. Para explicar o valor como unidade entre forma de valor, substância de valor e grandeza de valor, temos de partir do trabalho abstrato, que não é apenas social e socialmente equiparado, mas também quantitativamente dividido¹⁰.

Encontramos no próprio Marx formulações que, se quiserem, são razão suficiente para afirmar que ele substituiu [a noção de] trabalho por forma social do trabalho. Dado que seria tedioso referir a vários pontos em Marx, gostaria apenas de mencionar uma frase que soaria herética na boca de qualquer pessoa, exceto na dele. A frase diz: "O trabalho que põe o valor de troca é, pelo contrário, uma forma especificamente social do trabalho." (MARX, 1961b, p. 24). À mesma altura, mas em nota de rodapé, Marx diz que o valor é a forma social da riqueza. Se combinarmos ambas afirmações, então em vez da tese de que o trabalho cria valor temos a tese de que a forma social do trabalho produz a forma social da riqueza. Algum crítico poderia muito bem dizer que Marx substitui completamente o trabalho pela forma social do trabalho; o que, naturalmente, não seria a pretensão de Marx.

Gostaria de passar agora à segunda acusação. Diz-se que de minhas posições surge a impressão de que o trabalho abstrato é produzido apenas no ato da troca. Disso se pode concluir que o valor também só surge na troca; mas, do ponto de vista de Marx, o valor

¹⁰ A frase final, particularmente o "social e socialmente equiparado", é de difícil tradução e compreensão. A versão alemã diz: "[...] *die nicht nur eine gesellschaftliche und eine sozial gleichgesetzte ist, sondern auch eine quantitativ geteilte*". A dificuldade na compreensão provém da sinonímia entre "socialmente" [*gesellschaftliche*] e "social" [*sozial*]. Tais termos aparecem diversas vezes no texto, mas nem sempre tão próximos, numa mesma sentença. Uma possibilidade de leitura é compreender a equiparação como *social* e *por meio da sociedade*. [NdT]

e, conseqüentemente, o trabalho abstrato, também já devem existir no processo de produção. Aqui toca-se o problema extremamente sério e profundo da relação entre produção e troca. Como podemos resolver essa dificuldade? Por um lado, valor e trabalho abstrato já devem existir no processo de produção, e, por outro, como diz Marx em dezenas de lugares, o processo de troca é o pressuposto [*Voraussetzung*] para o trabalho abstrato.

Permitam-me dar alguns exemplos. Eu gostaria de retornar a Franklin. Marx afirma: "Dado que ele não desenvolve o trabalho contido no valor de troca como [trabalho] universal abstrato, resultante da alienação total do trabalho individual [...]" etc. (MARX, 1961b, p. 42). O principal erro de Franklin, portanto, consistiu em não reconhecer que o trabalho abstrato surge da alienação do trabalho individual.

No caso dado, não se trata de uma frase isolada de Marx. Eu mesmo mostrarei que, nas últimas edições de *O Capital*, ele enfatizou ainda mais a ideia de que na produção mercantil apenas a troca reduz [*reduziert*] o trabalho concreto ao abstrato.

Gostaria de retornar a afirmações anteriores:

"Assim, as pessoas não relacionam os produtos dos seus trabalhos uns aos outros como valores porque consideram tais coisas como invólucros materiais de um trabalho humano semelhante. Ao contrário. Ao equiparar seus diversos produtos uns aos outros na troca como valores, elas equiparam seus diversos trabalhos uns aos outros como trabalho humano." (MARX, 1956, p. 88).

Na primeira edição de *O Capital* essa frase tinha um significado completamente oposto [*völlig entgegengesetzten*]. Em Marx, lia-se: "Quando as pessoas relacionam uns aos outros os produtos de seu trabalho como valor, na medida em que essas coisas são meros invólucros coisais [*sachliche*] de trabalho humano abstrato, [...]" etc. (MARX, 1966, p. 242).

Na segunda edição, Marx, temendo que isso desse a entender que as pessoas equacionam consciente e antecipadamente seu trabalho como trabalho abstrato, mudou completamente o sentido da frase e destacou o aspecto de que a equiparação do trabalho como abstrato só ocorre por meio da troca dos produtos do trabalho. Eis uma mudança significativa da primeira edição para a segunda. Como vocês sabem, Marx não se limitou à segunda edição do primeiro volume de *O Capital*. Posteriormente, corrigiu o texto da edição francesa de 1875 e comentou que nela fez correções que não pôde realizar

na edição alemã. Com base nisso, atribuí à edição francesa de *O Capital* um valor científico independente, de importância igual à do original alemão (MARX, 1956, p. 32).

Na segunda edição de *O Capital* encontra-se a conhecida afirmação: "A igualdade *toto coelo* [por completo] dos trabalhos diferentes só pode existir na abstração de sua efetiva desigualdade, na redução a um caráter comum, isto é, enquanto dispêndio de força de trabalho humana ou trabalho humano em abstrato." (MARX, 1956, p. 87 e seguinte).

Na edição francesa, Marx substitui o ponto final dessa frase por uma vírgula e acrescenta: "[...] e é só a troca que opera essa redução, colocando em presença uns dos outros, em pé de igualdade, os produtos dos trabalhos mais diversos." (MARX, 1969, p. 70)¹¹. Essa inserção é muito significativa e mostra claramente o quão distante Marx estava da concepção fisiológica [*physiologischen Auffassung*] do trabalho abstrato. Como podemos então afinar essas afirmações de Marx – que são dezenas – com a tese básica de que o valor é criado na produção?

Isso não deve ser difícil. Na minha opinião, os camaradas que discutiram o problema da relação entre troca e produção não fizeram uma distinção suficiente entre os dois conceitos de troca. Temos de diferenciar (1) a troca como forma social do processo de reprodução e (2) a troca como fase particular desse processo de reprodução (e que se alterna com a fase de produção dada).

À primeira vista, a troca parece ser uma fase própria do processo reprodutivo. Podemos ver que há primeiro o processo imediato de produção e depois a fase da troca. Aqui a troca é separada da produção e contraposta a ela. Mas a troca não é apenas uma fase própria do processo de reprodução: ela também imprime seu selo específico a todo o processo de reprodução; ela representa uma forma social particular do processo social de produção. Produção baseada na troca privada – eis como Marx frequentemente caracterizava a produção de mercadorias.

Para que minhas formulações fiquem ainda mais claras, citarei palavras de Marx, do terceiro volume das *Teorias sobre o mais-valor*: "A troca dos produtos como mercadoria [...] [é] um método particular de troca de trabalho, e a dependência do trabalho de cada um ao trabalho do outro [é] um tipo particular do trabalho social ou da produção social." (MARX, 1968, p. 127). Aí você encontra uma tese em que Marx explica por que considera a troca como uma forma social de trabalho: "Toda a estrutura econômica da sociedade gira em torno da forma do trabalho [*Form der Arbeit*], isto é, a forma pela qual

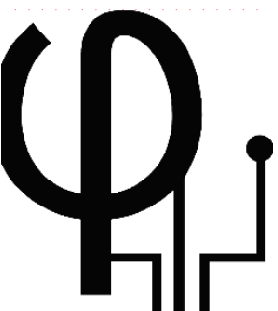
¹¹ No original francês: "[...] et c'est l'échange seul qui opere cette Réduction en mettant en présence les uns des autres sur un pied d'égalité les produits des travaux les plus divers." [NEA]

o próprio trabalhador obtém seus meios de subsistência." (MARX, 1968, p. 405). Perguntemo-nos agora de que forma o trabalhador obtém seus meios de subsistência sob a produção mercantil. Em Marx, encontraremos repetidamente a seguinte resposta: na produção mercantil, a única forma de obtenção de produtos é a forma da sua alienação [*Entäußerung*, no sentido de *troca* ou *venda*]; e, dado que a forma de apropriação de produtos é a forma do trabalho social, então a alienação, a troca, é uma forma específica do trabalho social, caracterizadora da produção mercantil.

Se considerarmos que a troca é a forma social do próprio processo de produção, a forma que marca o curso mesmo do processo de produção, muitas das afirmações de Marx se tornarão então completamente compreensíveis. Quando Marx frequentemente repete que o trabalho abstrato é resultado apenas da troca, isso significa que é resultado de uma determinada forma social do processo de produção. Somente à medida que o processo de produção assume a forma de uma produção mercantil, ou seja, baseada na troca, o trabalho assume a forma de um trabalho abstrato e os produtos do trabalho a forma do valor.

Assim, a troca é a forma de todo o processo de produção ou a forma do trabalho social. Tão logo a troca se torna realmente a forma dominante do processo de produção, ela também imprime seu selo à fase imediata da produção. Dito de outra maneira, como as pessoas não começam a produzir apenas no dia do ato de troca, mas antes de entrar nele, o processo imediato de produção também assume certas características sociais que correspondem à organização da produção sob a base da troca de mercadorias. O produtor de mercadorias, mesmo que ainda esteja em sua oficina e ainda não tenha entrado numa relação de troca com outros membros da sociedade, já sente sobre ele a pressão de todos aqueles que estão no mercado, seus clientes, concorrentes, pessoas que compram de seus concorrentes etc. – enfim, a pressão de todos os membros da sociedade. Essa conexão de produção e essas relações de produção, que são reguladas imediatamente na troca, continuam sua atividade mesmo após findados os atos concretos específicos de troca. Elas imprimem um selo social específico sobre o indivíduo, bem como sobre seu trabalho e o produto de seu trabalho. Já no próprio processo imediato de produção o produtor aparece como produtor de mercadorias, seu trabalho assume a característica do trabalho abstrato e o produto a característica do valor.

Aqui tenho entretanto de me precaver contra um erro cometido por muitos camaradas. Dado que o processo imediato de produção já possui certas características sociais, muitos acreditam que os produtos do trabalho e o trabalho na



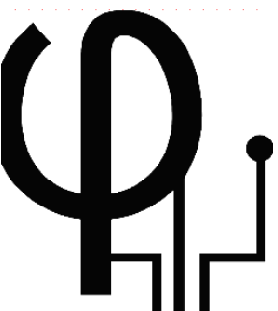
fase imediata de produção também devem possuir as mesmas características sociais que possuem na troca. Uma tal suposição é em grande medida equivocada. Embora ambas as fases (a da produção e a da troca) estejam intimamente relacionadas, a da produção não se torna a da troca. Entre as duas fases não há apenas certa semelhança, mas também certa diferença. Em outras palavras, por um lado reconhecemos que, a partir do momento em que a troca se torna a forma dominante do trabalho social, as pessoas produzem especificamente para ela, isto é, já na fase imediata da produção podemos observar o caráter dos produtos do trabalho como valores. Mas [por outro lado] essa marca dos produtos do trabalho como valores ainda não é a que assumem quando são efetivamente trocados por dinheiro (quando, como diz Marx, seu valor "ideal" ["*ideeller*"] é transformado em valor "efetivo" ["*wirklichen*"] e a forma social da mercadoria é substituída pela forma social do dinheiro).

O mesmo também se aplica ao trabalho. Reconhecemos que os proprietários de mercadorias, em seus atos de trabalho no processo imediato de produção, tomam nota do estado do mercado e produzem desde o princípio exclusivamente para converter seu produto em dinheiro. Portanto, também [produzem desde o princípio exclusivamente para converter] seu trabalho privado e concreto em trabalho social e universal. Mas essa incorporação do trabalho de um indivíduo no mecanismo de trabalho de toda a sociedade é apenas provisória e conjectural. No processo de troca ela é submetida a um exame rigoroso, que pode ter resultados positivos ou negativos para um determinado produtor de mercadorias. Assim, a atividade de trabalho dos produtores de mercadorias na fase de produção é imediatamente trabalho privado e concreto, mas apenas mediatamente, indiretamente ou latentemente, como expressou Marx, [trabalho] social.

Por isso, ao ler Marx, particularmente suas declarações sobre como a troca influi sobre o valor e o trabalho abstrato, temos sempre de nos perguntar o que ele quis dizer em cada caso – [se ele trata da] troca como forma do próprio processo de produção ou [da] troca como uma fase particular, oposta à fase da produção.

Ao falar da troca como forma do processo de produção, Marx esclarece resolutamente que sem troca não há trabalho abstrato nem valor; que o trabalho só assume o caráter de trabalho abstrato com o desenvolvimento da troca. São precisamente essas teses inequívocas de Marx que desenvolvi em meu livro.

Lá onde a troca é discutida como uma fase própria, oposta à da produção, Marx afirma que o trabalho e o produto do trabalho têm um caráter social determinado, mesmo antes do processo de troca, mas esse caráter ainda deve ser realizado no



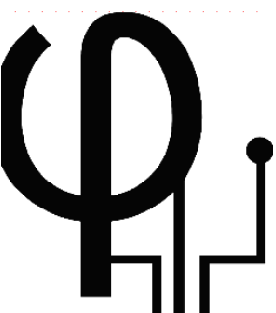
processo de troca. No processo imediato de produção o trabalho não é abstrato no sentido pleno da palavra, mas apenas se torna [tem de se tornar] abstrato. E tais afirmações podem ser encontradas em grande número em Marx. Gostaria de citar aqui apenas duas citações da *Crítica*. "Mas, de fato, os trabalhos individuais, que se apresentam nesses valores de uso particulares, só se tornam universais e nessa forma de trabalho social na medida em que são efetivamente trocados entre si na proporção do tempo de trabalho neles contido." (MARX, 1961b, p. 31). Noutro lugar, Marx escreve: "As mercadorias agora se confrontam como existências duplas, efetivamente como valores de uso e idealmente como valores de troca. As duas formas do trabalho contido nelas agora se apresentam uma para a outra, na medida em que trabalho real e concreto efetivamente está lá, no valor de uso, e enquanto o tempo de trabalho universal e abstrato assume uma existência representada [*vorgestelltes Dasein*] no preço [...]." (MARX, 1961b, p. 53).

Marx afirma que mercadorias e dinheiro não perdem suas diferenças devido ao fato de que toda mercadoria deve necessariamente ser convertida em dinheiro. Cada um deles é tão real quanto o outro é ideal, e tão ideal quanto o outro é real. Todas essas declarações de Marx demonstram que não se pode ser tão unilateral nesse quesito. Não devemos pensar que se os produtores de mercadorias já estão interligados, com relações sociais determinadas no processo imediato de produção, então os seus produtos e os seus trabalhos já têm um caráter imediatamente social. O trabalho de um produtor de mercadorias é imediatamente privado e concreto, mas junto a isso adquire uma característica "ideal" ou "latente", como trabalho universal, social e abstrato. Marx sempre se divertiu com os utópicos, que sonhavam com a aniquilação do dinheiro e acreditavam no dogma de que "o trabalho particular do indivíduo privado, contido (na mercadoria), é imediatamente trabalho social." (MARX, 1961b, p. 68).

Chegamos então às seguintes conclusões: trabalho abstrato e valor são criados ou "devêm" ["*werden*"] no processo imediato de produção (Marx costumava usar o termo "devir" para esse processo) e são realizados [*realisiert*] apenas no processo de troca.

III.

Até o momento, falei do trabalho abstrato. Agora quero passar ao valor. Quanto ao problema do valor, minha tarefa é a mesma que a do trabalho abstrato. Esforcei-me para demonstrar que no conceito de trabalho abstrato devemos compreender



também os traços da organização social do trabalho sob a produção mercantil. Agora também gostaria de demonstrar que no conceito de valor temos de compreender a forma social do valor, a forma social que os produtos do trabalho assumem sob uma produção mercantil.

A tarefa que temos agora pela frente é a de incluir, nos conceitos de trabalho abstrato e de valor, a forma social.

Como o valor é usualmente definido, à diferença do valor de troca?

Se tomarmos as concepções mais populares e difundidas, diremos que valor é entendido como o trabalho necessário para a produção de uma mercadoria determinada. Por valor de troca de uma determinada mercadoria, entende-se aquele outro produto ou soma de dinheiro contra o qual uma determinada mercadoria é trocada. Se uma determinada mercadoria foi produzida em três horas de trabalho e é trocada por três cadeiras, então usualmente se diz que o valor da mesa é igual a três horas de trabalho e encontra sua expressão em outro produto, diferente da própria mesa – precisamente as três cadeiras. As três cadeiras representam o valor de troca da mesa.

Com tal definição, tão popular, geralmente não fica claro se o valor é determinado pelo trabalho ou se o valor é o próprio trabalho. É evidente que, do ponto de vista da teoria de Marx, é correto dizer que o valor é determinado pelo trabalho. Mas então surge a questão: o que é isso, o valor, que se determina pelo trabalho? Geralmente não encontramos uma resposta satisfatória nos textos de popularização científica.

Assim, os leitores ficam com a ideia de que o valor de um produto não é outra coisa senão o trabalho dispendido em sua elaboração. Aqui surge a impressão enganosa de uma identidade completa entre trabalho e valor.

Essa noção é muito comum na literatura antimarxista. Pode-se dizer que a maioria dos mal-entendidos e das más interpretações encontrados na literatura antimarxista se baseiam na ideia equivocada de que em Marx o trabalho também seria valor.

Tal equívoco muitas vezes surge de um mau entendimento da terminologia e do sentido das obras de Marx. A conhecida expressão de Marx de que o valor é trabalho "solidificado" ou "cristalizado", por exemplo, é geralmente mal interpretada no sentido de que o trabalho também é valor.

Esse equívoco é alimentado pela duplicidade do verbo russo usado para [traduzir o verbo alemão] "*darstellen*"¹². O valor "representa o trabalho" [*Der Wert "stellt die*

¹² O verbo alemão *darstellen* atua no campo semântico de "representar", "expor", "apresentar", "descrever", "interpretar", "expressar". Na obra de Marx tal verbo às vezes é usado como sinônimo

Arbeit dar"]. Mas a tradução russa não permite apenas o sentido de que o valor é representação ou expressão do trabalho – uma concepção que, por si só, expressa a ideia de Marx –, mas também o sentido de que o valor "é" trabalho. Tal concepção está amplamente difundida na literatura crítica dirigida a Marx; e, naturalmente, é completamente falsa.

Os que criticam Marx, interpretando suas palavras sobre o trabalho constituir a substância de valor, no sentido de uma identidade completa entre esses dois conceitos, não percebem que ele, nesse caso, tomou emprestada a terminologia de Hegel. Quem conhece a [Ciência da] *Lógica* de Hegel, com sua doutrina sobre a essência, lembrará que ele usa termos diferentes quando quer esclarecer a relação entre dois objetos: o que determina e o que deve ser determinado. Primeiro ele diz que um objeto aparece como a essência do outro; em seguida, define o primeiro como o fundamento [*Grund*] do segundo; então o designa [o primeiro] como conteúdo [*Inhalt*] à diferença da forma [*Form*]; mais ainda, [designa] esse mesmo objeto como substância [*Substanz*] e como causa [*Ursache*]; e, por fim, passa a considerar a inter-relação entre os dois objetos. Podemos notar aqui o interessante fato de que em Marx encontramos toda essa gama de expressões existentes em Hegel, todavia aplicadas ao trabalho. O trabalho é definido como essência [*Wesen*] do valor, bem como seu fundamento, conteúdo, substância e causa. Todas essas afirmações devem ser combinadas aos princípios metodológicos em que se baseia a doutrina de Hegel; então entenderemos que a tese de Marx sobre o trabalho como substância de valor não deve ser interpretada no sentido de uma identidade completa entre ambos.

É precisamente essa tese que apresento em meu livro, no capítulo sobre o conteúdo e a forma do valor. Minha principal tarefa era provar que o trabalho é apenas a substância de valor, não alguma representação do valor. Noutras palavras, quando os críticos de Marx dizem: "em Marx, a substância de valor é o trabalho, então o trabalho é o valor" – tenho todavia de enfatizar que o trabalho é apenas a substância de valor, e, para compreender o valor no sentido próprio da palavra, devo acrescentar algo ao trabalho enquanto substância de valor, a saber, a forma social do valor. Só assim teremos o conceito de valor no sentido em que podemos encontrar em Marx.

O que o valor representa então, enquanto unidade entre o conteúdo ou a substância (ou seja, o trabalho) e a forma de valor? O que é para Marx esse valor, à diferença do

de *vorstellen*, que entretanto compreende melhor a ideia de representação como "imaginação" e "figuração". [NdT]

valor de troca? Para responder esse problema, temos de nos fazer a seguinte pergunta: como Marx passa do valor de troca ao valor? Por que ele considera necessário, ao lado do valor de troca (que aparece na realidade no ato da troca), criar outro conceito, mais abstrato, o de valor?

Vocês certamente saberão que Marx, em [Para a] *Crítica da Economia Política*, ainda não alcançara uma distinção clara entre valor de troca e valor. Na *Crítica*, Marx inicia sua interpretação pelo valor de troca e daí passa ao valor (que chama [também] de valor de troca). Essa transição é aí muito imperceptível, suave, e, por assim dizer, natural.

Marx descreve de modo completamente diferente essa transição em *O Capital*, e é muito interessante comparar as duas primeiras páginas da *Crítica* às de *O Capital* (cf. MARX, 1961b, p. 16; MARX, 1956, p. 50).

As duas primeiras páginas em ambos os livros correspondem completamente; a interpretação em ambos começa com o valor de uso e passa em seguida ao valor de troca. Em ambos os livros encontramos a afirmação de que o valor de troca aparece primeiro como a relação quantitativa, a proporção; após isso, entretanto, os textos começam a se separar. Se na *Crítica* Marx passa suavemente do valor de troca ao valor, dá-se exatamente o contrário em *O Capital* – como se ele pausasse nesse ponto, antecipando objeções de seus oponentes. Após o trecho referido acima, Marx nota [em *O Capital*]: "O valor de troca aparece assim como algo acidental ou puramente relativo, um valor de troca intrínseco, imanente à mercadoria [...] portanto, uma *contradictio in adjecto*." (MARX, 1956, p. 50 e seguinte). Olhemos a coisa mais de perto. Como podem notar, Marx tinha um oponente em mente aqui, alguém que queria provar que nada existia além do valor de troca relativo; que o conceito de valor seria totalmente supérfluo na economia política. Quem era esse oponente que Marx mirava?

Não gostaria de ser muito específico aqui, mas suponho que esse oponente era [Samuel] Bailey, que buscava demonstrar que o conceito de valor não era absolutamente necessário à economia política e que deveríamos nos limitar à observação e ao estudo das proporções particulares em que as várias mercadorias são trocadas¹³. Bailey obteve grande sucesso com sua crítica superficial mas espirituosa a Ricardo e procurou destruir

¹³ Sobre a determinação da teoria de Marx frente às críticas de S. Bailey ao "valor-trabalho", veja-se outro interessante artigo de Rubin, publicado dois anos após a atual palestra: "Para a história do primeiro capítulo de *O Capital* de Marx" (1929). O artigo pode ser encontrado em português, sob nossa tradução, em edições anteriores desta mesma revista *Eleutheria*. Foi publicado em duas partes: 1: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/10151>>; 2: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/14689>>. Acesso em novembro de 2022. [NdT]

a base da teoria do valor-trabalho. Segundo ele, não podemos falar do valor da mesa, apenas que a mesa é trocada ora por três cadeiras, ora por duas libras de café etc. A grandeza de valor da mesa seria algo puramente relativo e variaria conforme o caso. Disso, Bailey tirou a conclusão que o levou a negar o conceito de valor sempre que diferisse do valor relativo de um determinado produto em um determinado ato de troca. Imaginemos o seguinte caso:

O valor da mesa é igual a três cadeiras. Após um ano, essa mesa será trocada por seis cadeiras. Cremos ser possível afirmar que embora o valor de troca da mesa tenha mudado, seu valor permaneceu o mesmo e apenas o valor das cadeiras caiu pela metade. Bailey considera tal afirmação absurda. Para ele, se a relação de troca das cadeiras para a mesa mudou, então também mudou a relação de troca da mesa para as cadeiras, e só nisso consiste o valor da mesa.

Para refutar a doutrina de Bailey, Marx considerou necessário desenvolver em *O Capital* a tese de que o valor de troca não pode ser compreendido por nós a menos que seja reduzido a uma certa unidade de valor. A primeira parte do primeiro capítulo de *O Capital* é dedicada à justificação dessa ideia, à transição do valor de troca ao valor e do valor à unidade que lhe é subjacente, o trabalho. A segunda parte é uma adição à primeira, pois apenas explica o conceito de trabalho em maior detalhe. Podemos dizer que Marx faz a transição da diversidade observável na esfera dos valores de troca à unidade que subjaz a todos os valores de troca, ou seja, ao valor (e, por fim, ao trabalho). Aqui Marx mostra a falsidade das visões de Bailey sobre a possibilidade de limitar nossa investigação à esfera do valor de troca. Na terceira parte, Marx adota a abordagem oposta e explica que a unidade de valor de um produto determinado se expressa em seus diversos valores de troca.

Antes Marx costumava ir das diferenças à unidade; agora vai da unidade às diferenças. Antes ele refutou a teoria de Bailey, agora complementa a de Ricardo, que carece da passagem do valor ao valor de troca. Para refutar a doutrina de Bailey, foi necessário desenvolver ainda mais a teoria de Ricardo.

De fato, a intenção de Bailey – provar que afora o valor de troca, nenhum valor existia – foi facilitada pela unilateralidade de Ricardo, que não conseguira provar por que o valor aparece numa determinada forma de valor. Assim, Marx se deparou com duas tarefas: 1) provar que sob o valor de troca devemos descobrir o valor, e 2) provar que o valor necessariamente leva a diferentes formas de manifestação, ao valor de troca. Na presente palestra, quero tratar apenas da primeira dessas duas tarefas, pois minha

preocupação é esclarecer o conceito de valor. O esclarecimento completo dos conceitos de valor de troca e dinheiro não pertencem ao meu tema.

Como então Marx passa do valor de troca ao valor? Em geral, críticos e comentadores de Marx creem que seu principal argumento está na conhecida equiparação entre trigo e ferro, na terceira página do volume primeiro de *O Capital* (MARX, 1956, p. 51). Quando se equipara trigo e ferro, conclui Marx, nota-se algo comum a ambos, algo da mesma grandeza; então eles devem ser iguais a um terceiro elemento, e tal é seu valor. Acredita-se geralmente que aí está o principal argumento de Marx e todos os golpes críticos a Marx são usualmente voltados a esse ponto. Provavelmente não há trabalho contra Marx que não indique que ele tenta provar a necessidade do conceito de valor por meio de uma consideração puramente abstrata.

O que passou completamente despercebido é o seguinte fato: o parágrafo em que Marx trata da comparação do trigo com o ferro não é senão uma conclusão do parágrafo anterior, que em geral não recebe nenhuma atenção da parte dos críticos ou comentadores de Marx.

O parágrafo anterior dizia: "Uma certa mercadoria, um *quarter* de trigo, por exemplo, troca-se por 20 libras de graxa de botas, ou 1,5 metro de seda, ou meia onça de ouro etc., em suma, por outras mercadorias nas mais variadas proporções. Mas o valor de troca do *quarter* de trigo permanece inalterado e é expresso apenas em graxas de bota, na seda ou no ouro. Segue-se que o valor de troca deve ter um conteúdo distinto dessas manifestações" (MARX, 1923, p. 3)¹⁴. Marx editou cuidadosamente o parágrafo citado e deu diversas variantes em diferentes edições. Citamos a tradução russa da edição alemã editada por K. Kautsky. Podemos apreender essa ideia ainda mais claramente na segunda edição de *O Capital*, onde se lê, ao final do parágrafo citado: "Mas como x de graxa de bota, y de seda e z de ouro etc. são o valor de troca de um *quarter* de trigo, então x de bota, y de seda e z de ouro devem ser valores de troca que podem ser trocados entre si ou são da mesma grandeza. Resulta, assim, em primeiro lugar: os valores de troca válidos para uma mesma mercadoria expressam uma igualdade" (MARX, 1956, p. 51).

Em outras palavras, se duas mercadorias são iguais à nossa dada mercadoria, o trigo, então são também iguais entre si. Quando se considera essa conclusão, enfatizada por Marx na variante citada, nota-se que o parágrafo seguinte é uma consequência lógica do afirmado anteriormente. De fato, decorre desse fato que uma mesma mercadoria pode

¹⁴ Tradução da edição russa para o alemão. [NEA]

se expressar nos mais diferentes valores de uso. No parágrafo citado, Marx chega à conclusão de que duas mercadorias, que são trocadas por uma e mesma mercadoria, ou que são iguais a uma terceira, são iguais entre si. Disso também segue, com necessidade lógica, a conclusão expressa por Marx no parágrafo seguinte: se duas mercadorias são iguais entre si, então são iguais a um terceiro [elemento]. É justamente esse pensamento que ele expressa no parágrafo em que compara o trigo e o ferro. E assim a tese de Marx, de que duas mercadorias, se iguais entre si, devem também ser iguais a um terceiro [elemento], é apenas uma dedução da tese anterior, segundo a qual duas mercadorias, quando iguais a uma terceira [mercadoria], são iguais entre si. Apenas a união dos dois parágrafos dá o verdadeiro sentido da argumentação de Marx. O ponto de partida de toda a sua argumentação reside na constatação de um fato bastante conhecido, inerente à produção mercantil: todas as mercadorias são universalmente comparadas umas às outras; [há] a possibilidade de equiparação de uma mercadoria à infinidade das outras mercadorias. Dizendo de outro modo, o ponto de partida de todas as considerações de Marx é a estrutura concreta da produção mercantil, isto é, de modo algum se trata de uma comparação puramente lógica de duas mercadorias entre si.

Assim, Marx parte do fato de que todas as mercadorias são universalmente igualadas umas às outras, ou do fato de que cada mercadoria pode ser assimilada a uma multidão de outras mercadorias. Entretanto, essa pressuposição não é suficiente para todas as conclusões de Marx. Isto se fundamenta num pressuposto "silencioso", expresso por Marx noutro lugar.

O segundo pressuposto consiste no seguinte: assumimos que a troca de um *quarter* de trigo por qualquer outra mercadoria é uma troca baseada numa conhecida lei, e a lei dessas trocas consiste em sua dependência do processo de produção. Rejeitamos a ideia de que o *quarter* de trigo possa ser trocado por qualquer quantidade de ferro, café etc. Não concordamos com a suposição de que em cada ato de troca são estabelecidas proporções inteiramente acidentais para a própria troca. Entretanto, sustentamos que todas as possibilidades de troca de uma determinada mercadoria por outra têm por base uma certa lei, uma regularidade baseada no processo de produção. Nesse caso, toda a argumentação de Marx assume a seguinte forma:

Marx diz: não consideremos a troca acidental de duas mercadorias, trigo e ferro, mas tomemos a troca na forma em que ela realmente ocorre numa produção mercantil.

Veremos assim que cada objeto pode ser igualado a todos os outros objetos; em outras palavras, observaremos inúmeras proporções de troca de um determinado

produto por outros. Mas tais proporções de troca não são acidentais, são regulares e sua lei é determinada por causas subjacentes ao processo de produção.

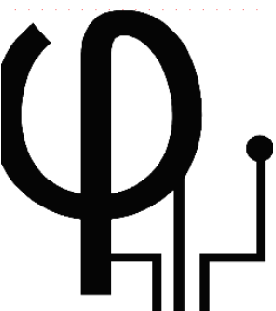
Assim, chegaremos à conclusão de que o valor de um *quarter* de trigo, apesar de poder ser expresso uma vez em duas libras de café, outra em três cadeiras, permanece o mesmo em todos os outros casos. Se supuséssemos que em cada uma das inúmeras proporções de troca o valor do *quarter* de trigo fosse diferente – e é isso que significam as afirmações de Bailey –, então deveríamos reconhecer que há um caos absoluto no fenômeno dos preços, no gigantesco fenômeno da troca de produtos, através do qual é estabelecida a conexão completa entre todos os tipos de trabalho.

Dessa linha de pensamento de Marx, podemos tirar as conclusões que o levaram do valor de troca ao valor. Cheguei a uma conclusão antes, quando apontei que Marx toma a produção de mercadorias como o ponto de partida da sua investigação, com a inerente equiparação universal dos produtos – uma equação que está intimamente relacionada ao curso do processo de produção. Marx não parte do exemplo imaginário de uma comparação casual de duas mercadorias, nem de uma análise puramente lógica de todas as características que possam ter algo em comum, mas da forma real da troca de produtos, característica da produção mercantil. Nossa segunda conclusão reside no seguinte:

Quando Marx compara trigo a ferro, encontra algo em "comum" a ambos, e nesse "comum" reconhece o valor dos produtos. Na literatura de popularização não se encontra uma resposta clara à questão de saber o que é esse "comum" aos produtos trocados de que fala Marx. Às vezes esse "comum" é considerado corretamente como valor, mas às vezes é identificado ao trabalho. Se nos voltarmos a Marx, encontraremos uma resposta a essa pergunta, na quinta página de *O Capital*: "O comum, que é representado na relação de troca ou no valor de troca da mercadoria, é o seu valor." (MARX, 1956, p. 53). Marx, portanto, não passa diretamente do valor de troca ao trabalho. Do valor de troca ele vai ao conceito de valor e somente então, com a ajuda de uma análise mais profunda do conceito de valor, passa ao trabalho. A linha de pensamento de Marx, a rigor, segue por três estágios: do valor de troca ao valor e deste ao trabalho.

A conclusão que gostaria de destacar é a dita anteriormente: o conceito de valor deve ser rigorosamente distinguido do conceito de trabalho, embora estejamos inclinados, sobretudo nas interpretações populares, a considerá-los idênticos.

Mas o que é então esse valor, que obtemos ao abstrair as proporções concretas da troca, quando nosso *quarter* de trigo é igualado a outros produtos?

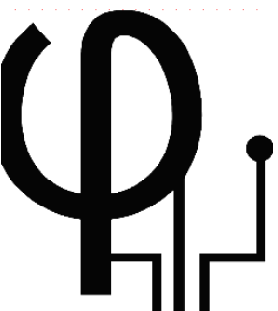


Ainda que abstraíamos agora os produtos concretos pelos quais nosso *quarter* de trigo é trocado, não abstraímos, entretanto, a forma social do valor que determina esse *quarter* de trigo; ou seja, sustentamos que nosso *quarter* de trigo tem a capacidade de, numa determinada proporção, ser trocado por qualquer outro produto existente na sociedade existente. Além disso, consideramos a permutabilidade de uma mercadoria como a sua marca característica, que está sujeita a certas leis, e, em particular, está intimamente relacionada às condições de produção de uma mercadoria determinada. Em outras palavras, não pertence mais ao nosso conceito de valor do trigo apenas o conceito de trabalho socialmente necessário para produzi-lo. A ele pertence também a noção de trabalho social que assume uma "forma material", a forma de uma propriedade particular de um produto. Aí estão também o "conteúdo de valor" e a "forma de valor". Gostaria de trazer apenas uma citação para provar que Marx distingue [1] o valor do [2] trabalho enquanto conteúdo de valor: "O produto do trabalho é, em todos os estados sociais, um objeto de uso, mas apenas uma época de desenvolvimento histórico determinado, que apresenta o trabalho despendido na produção de uma coisa útil como sua propriedade 'objetiva', ou seja, como seu valor, transforma o produto do trabalho em mercadoria." (MARX, 1956, p. 76). Assim, ao conceito de valor pertence o conteúdo do valor (ou seja, o trabalho) e a forma social de valor. O que é então essa "forma do valor", que, ao contrário do valor de troca, pertence ao próprio conceito de valor?

Gostaria de citar apenas uma definição bastante clara sobre a forma de valor, a partir da primeira edição de *O Capital*:

"Forma social da mercadoria e forma de valor ou forma de permutabilidade [*Austauschbarkeit*] são uma e mesma coisa" (MARX, 1966, p. 235). Como é perceptível, a forma de valor é a forma permutável ou social do produto do trabalho que contém a capacidade de ser trocado por qualquer outra mercadoria, na medida em que essa capacidade é determinada pela quantidade de trabalho necessário à produção da determinada mercadoria. De tal maneira não nos desviamos da forma social do produto do trabalho, ao passar do valor de troca ao valor; apenas abstraímos do produto concreto no qual se expressa o valor de uma mercadoria, mas sempre temos frente a nós a forma social do produto do trabalho.

Nossa conclusão também pode ser formulada da seguinte maneira: Marx analisa a "forma de valor" separadamente do valor de troca. Para introduzir a forma social do produto do trabalho no próprio conceito de valor, fomos por assim dizer obrigados a realizar uma dissociação ou divisão da forma social do produto do trabalho em



duas formas: na forma de valor e no valor de troca, entendendo a primeira como a forma social do produto do trabalho que ainda não se concretizou numa coisa determinada, mas representa por assim dizer a propriedade abstrata de uma mercadoria. É justamente essa distinção entre a forma de valor e o valor de troca que eu explico em meu livro. É verdade que eu considere os dois como lados qualitativo e quantitativo do valor de troca. Fiz isso sobretudo porque, em Marx, em alguns lugares, os termos forma de valor e valor de troca quase não são distinguíveis um do outro. A identificação completa da forma de valor com o aspecto qualitativo e a do valor de troca com o quantitativo não é correta, pois ambos os conceitos devem ser observados tanto do lado qualitativo quanto do quantitativo. Essa questão não tem relação direta com o nosso tema, portanto não me alongarei aqui. Gostaria apenas de dizer que é exatamente essa divisão entre forma social do produto, forma de valor e valor de troca que trato em meu livro, de acordo com a tarefa que me coloquei. Tive de introduzir no próprio conceito de valor os traços da forma social do produto do trabalho, e, assim, provar a impossibilidade de identificar o conceito de valor ao de trabalho. Tal identificação é frequentemente realizada nas apresentações científicas populares da doutrina de Marx. Dito de outro modo: tive de provar que o valor consiste não apenas na substância de valor (*i.e.*, o trabalho), mas também na "forma de valor", e, para introduzir a forma de valor no próprio conceito de valor, tive de distinguí-lo do valor de troca (que Marx considerou separadamente do valor). Eu tive de separar a forma social do produto do trabalho em duas partes: a forma social que ainda não adquirira uma aparência concreta e a própria forma, que já adquirira um tipo concreto e independente.

Agora que está clara a diferença entre forma de valor e valor de troca, gostaria de retornar ao conceito de valor e traçar a relação entre seus vários aspectos: entre o conteúdo ou substância de valor e a forma de valor.

Com qual relação existente entre trabalho e forma social de valor eu lido aqui? A resposta geral a tal questão é: a forma de valor é a forma adequada e precisa de expressão do conteúdo de valor (ou seja, do trabalho). Para esclarecer esse pensamento, temos de voltar ao exemplo anterior: uma mesa é trocada por três cadeiras. Dizemos que esse processo de troca segue certa lei e depende do desenvolvimento e das mudanças da produtividade do trabalho. Mas o valor de troca é uma forma social do produto que não expressa apenas as mudanças no trabalho, mas também encobre e vela tais mudanças. Ele obscurece pela simples razão de que é a relação entre duas mercadorias, entre a mesa e as cadeiras; portanto, a alteração das proporções de troca entre esses dois artigos não diz se o trabalho despendido na produção da mesa realmente mudou. Se, depois

de algum período, a mesa puder ser trocada por seis cadeiras, então o valor de troca da mesa terá mudado, mas o valor da mesa em si pode não ter mudado. Para examinar em forma mais pura o processo pelo qual a mudança na forma social do produto depende da quantidade de trabalho despendido em sua produção, Marx teve de separar o fenômeno existente em duas partes; teve de interromper [a análise] e afirmar que devemos estudar separadamente as causas que determinam o valor da mesa e as que determinam o valor das cadeiras; e que o mesmo fenômeno de troca (o fato de a mesa agora ser trocada por seis cadeiras, em vez de três) pode ser causado por motivos relacionados à mesa ou por razões decorrentes das condições de produção das cadeiras. A fim de examinar separadamente como funcionam cada uma dessas cadeias causais, Marx teve de dividir o fato da mudança no valor de troca da mesa em duas partes e assumir que essas mudanças são causadas exclusivamente por razões que operam no lado da mesa, ou seja, por meio de mudanças na produtividade do trabalho necessário à produção da mesa. Em outras palavras, ele teve de assumir que todas as outras mercadorias pelas quais a mesa é trocada mantêm seu valor anterior. Somente com essa suposição a mudança no valor da mesa decorre da mudança na quantidade de trabalho necessário à sua produção, e a forma social do valor comprova ser uma expressão mais adequada e precisa do conteúdo ou substância de valor (ou seja, da quantidade de trabalho despendida no processo de produção).

Graças à determinação do valor como unidade de conteúdo (isto é, trabalho) e forma social de valor, temos as seguintes vantagens. Podemos assim romper com a ampla identificação do valor com o trabalho, e, portanto, determinar corretamente a relação do conceito de valor com o conceito de trabalho. Por outro lado, também podemos determinar melhor a relação do valor com o valor de troca. Antes, quando o valor era simplesmente considerado como trabalho e ainda não adquirira uma caracterização social mais precisa, ele era por um lado identificado ao trabalho e, por outro, separado por uma lacuna do valor de troca. No conceito de valor, os economistas viam usualmente apenas o trabalho e não podiam passar desse conceito ao conceito de valor de troca. Agora que consideramos o valor como uma unidade entre conteúdo e forma, conectamos o valor, por meio de seu conteúdo, ao conceito precedente, ao trabalho; por outro lado, através da forma de valor, conectamos o conceito de valor ao seguinte, ao valor de troca. De fato, se afirmarmos que o valor não é o trabalho em geral, mas o trabalho que assumiu a forma da permutabilidade do produto, então temos de passar necessariamente do valor ao valor de troca. Assim, o conceito de valor está inseparavelmente ligado ao conceito de trabalho, por um lado, e ao conceito de valor de troca, por outro. Mas tal vinculação

inseparável de todos esses conceitos não nos deve levar à sua identificação. Nós consideramos o valor como trabalho social que assumiu a forma de uma propriedade "objetivada" do trabalho, ou como uma propriedade do produto que pode ser trocada por qualquer outro produto, na medida em que essa propriedade do produto depende da quantidade de trabalho social necessária à sua produção.

Para concluir, gostaria ainda de afirmar que a capacidade de separar a forma social do produto em duas partes (a forma de valor e o valor de troca; a primeira fazendo parte do conceito de valor, a segunda, apenas uma forma de manifestação do valor) talvez esteja relacionada a um procedimento análogo em Hegel. Ainda que Marx, em nenhum lugar a respeito do estudado, indique uma conexão entre seu conceito e a filosofia de Hegel, pode-se encontrar uma semelhança essencial entre a divisão da forma social do produto em Marx e a doutrina de Hegel sobre a "duplicação da forma". Aqui, gostaria de citar apenas algumas linhas da chamada "Pequena Lógica" de Hegel: "Quanto à oposição entre forma e conteúdo, é essencial considerar que o conteúdo não é sem forma [*nicht formlos ist*], mas tanto tem a forma dentro de si quanto é externa a ele. Há uma duplicação da forma [*Verdoppelung der Form*], a qual uma vez reflete em si o conteúdo e, outra vez, reflete em si a existência externa e indiferente ao conteúdo" (HEGEL, 1970, p. 264 e seguintes, § 133)¹⁵. Creio que em Marx a distinção entre "forma de valor", que está implícita ao próprio valor, e "valor de troca", que representa algo "externo", "indeterminado" em relação ao valor, guarda certa semelhança com a duplicação da forma encontrada em Hegel.

Quero agora passar à última parte da minha palestra, à questão do conteúdo ou da substância do valor. Todos os marxistas concordam que o trabalho é o conteúdo do valor, mas resta a questão de saber de qual trabalho se fala aqui. Na parte anterior da minha palestra já notamos quantos termos diferentes podem se ocultar por trás da palavra "trabalho". Que trabalho constitui então o conteúdo do valor? A maioria dos leitores pode ter entendido que, por conteúdo do valor, eu quis dizer o trabalho em sua forma técnico-material. Admito que posso ter sido compreendido dessa maneira, pois formulações assim podem ser encontradas em meu livro *Estudos sobre a teoria do valor de Marx*. Entretanto, tenho de afirmar que em meu livro, num só e mesmo capítulo (sobre o conteúdo e a forma do valor) não há apenas uma, mas três formulações que podem provar que eu, definitivamente, não compreendo por conteúdo do valor o trabalho em seu aspecto

¹⁵ A "pequena lógica" de Hegel é a *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* [Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio]. [NdT]

exclusivamente técnico-material¹⁶. Nas páginas 89-90, escrevi: "O trabalho como substância de valor não é considerado por Marx como quantidade determinada de trabalho, tomada em si mesma, mas como algo 'independente e absoluto', como algo acumulado e materialmente objetivado no produto. Esse trabalho é examinado do ponto de vista do processo de divisão social do trabalho entre os ramos individuais de produção e é tomado como parte do trabalho social total, em sua relação com este e com o todo". Noutra parte (p. 85), cito as palavras de Marx sobre o valor como "a forma na qual se expressa a divisão proporcional do trabalho". Por fim, a derradeira conclusão a que chego no referido capítulo é: "Observado do lado qualitativo, a relação entre trabalho como 'substância de valor' e 'forma de valor' significa a relação entre o processo de divisão do trabalho e sua 'forma de mercadoria' social, específica e precisa" (p. 91). As citações arroladas me dão o direito de afirmar que, quando falei de conteúdo do valor, não tratei de trabalho considerado apenas em seu aspecto técnico-material; pelo contrário, minha concepção se aproximou desse conceito de trabalho equiparado e dividido, do qual tratei anteriormente. Por conteúdo de valor, compreendi o trabalho como parte do trabalho socialmente equiparado e dividido. Mas esse conceito, que pode ser encontrado em muitos lugares do meu livro, não foi suficientemente desenvolvido por mim e exigiu sérias correções. Pela primeira vez, na presente palestra, faço uma demarcação clara entre o trabalho universal socialmente equiparado (que existe não apenas sob a produção mercantil, mas também sob o socialismo) e o trabalho universal abstrato, como trabalho equiparado na forma específica e própria da produção mercantil. Agora, cabe perguntar: Marx compreende o conteúdo do valor como o trabalho universal socialmente igualado, ou como o trabalho universal abstrato? Em outras palavras: quando falamos do trabalho como conteúdo do valor, incluímos no conceito do trabalho todas aquelas características que eu apresentei antes, no conceito de trabalho abstrato, ou concebemos o trabalho em termos de trabalho socialmente equiparado, que não inclui aquelas características próprias da organização social do trabalho sob a produção mercantil? O conceito de trabalho como conteúdo do valor coincide com o conceito de trabalho abstrato (formador de valor) ou tem um caráter mais amplo? À primeira vista, encontramos em Marx argumentos a favor dos dois sentidos de "conteúdo de valor". Por um lado, encontramos argumentos que aparentemente sustentam que por trabalho como conteúdo do valor devemos entender

¹⁶ Essas passagens não foram encontradas na edição alemã de *Estudos sobre a teoria do valor de Marx*. Portanto, foram aqui traduzidas da edição russa. [NEA]

algo diferente de trabalho abstrato, isto é, [devemos entender] trabalho sem todas aquelas características sociais inerentes à produção mercantil.

Que argumentos encontramos que apoiam esse tipo de resposta ao problema?

Pode-se frequentemente encontrar que, por conteúdo do valor, Marx entende não apenas algo que pode assumir a forma social do valor, mas também [algo que pode assumir] outra forma social.

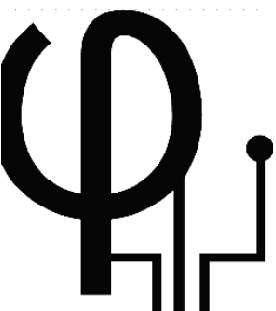
Algo é entendido como conteúdo quando tem a capacidade de assumir diferentes formas sociais. É propriamente tal capacidade que caracteriza o trabalho socialmente equiparado, mas não o abstrato, ou seja, [não] o trabalho que já assumiu uma determinada forma social. O trabalho socialmente equiparado pode assumir a forma do trabalho organizado sob a produção mercantil, bem como a forma do trabalho organizado, por exemplo, sob a produção socialista. Noutras palavras, no caso presente concebemos o trabalho socialmente equiparado em sua forma abstrata, deixando de lado todas as modificações que o próprio conteúdo (isso é, o trabalho) sofre em uma forma ou outra.

Há em Marx esse sentido do conceito de conteúdo de valor? Podemos aqui responder positivamente essa pergunta. Pensemos, por exemplo, nas palavras de Marx, quando afirma que "o valor de troca é uma determinada maneira social de expressar a quantidade de trabalho aplicada a uma coisa." (MARX, 1956, p. 97). Obviamente, o trabalho é considerado aí como um conteúdo abstrato, que pode assumir uma ou outra forma social. Quando Marx, na conhecida carta de 11 de julho de 1868 a Kugelmann, afirma que a divisão social do trabalho, na produção mercantil, expressa-se sob a forma do valor, ele considera o trabalho socialmente dividido como o conteúdo que pode levar a essa ou àquela forma social.

No segundo parágrafo da seção sobre o fetichismo da mercadoria, Marx afirma claramente que podemos encontrar o "conteúdo das determinações de valor" não apenas na produção mercantil, mas também, por exemplo, na [produção da] família patriarcal ou sob a propriedade medieval. E aí o trabalho representa, como vemos, um conteúdo que pode assumir diversas formas sociais.

Eu gostaria de apresentar agora um argumento em favor da tese oposta, segundo a qual temos de entender por conteúdo do valor o trabalho abstrato.

Primeiramente, encontramos em Marx algumas informações que confirmam isso. Por exemplo, a seguinte: "Elas (as mercadorias) se relacionam ao mesmo tempo ao trabalho humano abstrato enquanto a sua substância social comum" (MARX, 1966,



p. 235)¹⁷. Essa afirmação não deixa dúvidas de que o trabalho abstrato não é apenas o produtor de valor, mas [é] também a substância de valor ou o conteúdo de valor. Chegamos a tal conclusão com base em considerações metodológicas.

Demonstrei anteriormente que o trabalho socialmente equiparado, sob a produção mercantil, assume a forma do trabalho abstrato; e que somente a partir desse trabalho o valor surge, necessariamente, como forma social dos produtos do trabalho. Disso se segue que o conceito de trabalho abstrato, em nosso sistema, precedeu imediatamente o conceito de valor; e isso prova que é precisamente esse conceito de trabalho abstrato que temos de considerar como base, conteúdo ou substância do valor. Mas também não se deve esquecer que Marx adotou o ponto de vista de Hegel, não o de Kant, na questão da relação entre forma e conteúdo. Kant considera a forma como algo externo ao conteúdo; algo vinculado a ele externamente. Do ponto de vista da filosofia hegeliana, o conteúdo não representa algo ao qual a forma se liga de fora: é o próprio conteúdo que, em seu desenvolvimento, dá origem à forma (que estava contida no conteúdo, de modo oculto). A forma flui necessariamente do próprio conteúdo.

Essa é a principal tese da metodologia de Hegel e de Marx, uma tese que está em contradição com a metodologia kantiana. Desse ponto de vista, a forma de valor deve surgir também, necessariamente, da substância de valor; conseqüentemente, devemos considerar o trabalho abstrato plenamente como a substância de valor, em todas as suas determinações sociais, características da produção mercantil. E, por fim, como último argumento, quero destacar que se considerarmos o trabalho abstrato como o conteúdo do valor alcançaremos uma simplificação importante do conjunto do sistema de Marx, pois nesse caso o trabalho [abstrato] como conteúdo do valor não se diferencia do trabalho que cria valor.

Atingimos então o resultado paradoxal de que Marx às vezes reconhece como conteúdo do valor o trabalho socialmente equiparado, e, outras vezes, o trabalho abstrato.

Como podemos resolver essa contradição?

Parece-me que essa contradição desaparece quando recordamos a diferença entre os dois métodos, o analítico e o dialético, comentados por mim no início desta palestra. Se partirmos do valor, como uma forma social específica, e nos perguntarmos qual é o conteúdo dessa forma, veremos que essa forma exprime apenas o fato geral de que trabalho social foi despendido: o valor se mostra como uma forma que expressa o fato da

¹⁷ Em alemão: "*Sie (die Waren) beziehen sich damit zugleich auf die abstrakte menschliche Arbeit als ihre gemeinsame gesellschaftliche Substanz*". [NdT]

igualdade social do trabalho, como um fato que ocorre não apenas sob a produção mercantil, mas também sob outros tipos de produção. Ao proceder analiticamente, da forma acabada ao seu conteúdo, encontramos o trabalho socialmente equiparado como conteúdo do valor. Mas chegaremos a uma conclusão diferente se não tomarmos a forma acabada como o ponto de partida da nossa investigação, e sim o próprio conteúdo (isto é, o trabalho), do qual a forma (o valor) deve necessariamente surgir. Para fazer a passagem do trabalho, considerado como conteúdo, ao valor, como forma, temos de incluir no conceito de trabalho a forma social de sua organização sob a produção mercantil, ou seja, temos de reconhecer o trabalho universal abstrato como conteúdo do valor. É possível que precisamente a distinção entre esses dois métodos explique a aparente contradição na definição do conteúdo de valor encontrada em Marx.

Se quisermos resumir a exposição acima, a nossa palestra, poderíamos afirmar que os conceitos básicos, sobre os quais se baseia a teoria do valor e do dinheiro em Marx, consistem nos seguintes cinco elementos: 1) as relações de produção dos produtores de mercadorias; 2) o trabalho abstrato; 3) o valor; 4) o valor de troca e 5) o dinheiro.

Engels, em seu artigo sobre *Para a Crítica da Economia Política*, de Marx, apontou que o mérito deste foi ter nos mostrado todo o sistema da economia burguesa em sua conexão interna (ENGELS, 1961, p. 468 e seguintes). Aplicando isso aos cinco conceitos enumerados acima, o mérito de Marx é o que nos mostrou a conexão interna inseparável entre todos eles. Infelizmente, essa conexão muitas vezes escapa à atenção dos leitores e as categorias enumeradas são consideradas individualmente. Recordemos como se costuma compreender a relação entre as cinco categorias enumeradas.

Começemos pelas relações de produção dos produtores de mercadorias. Esse é um tema conhecido por todo marxista. Todos sabem que a doutrina das relações de produção entre os homens é a base da teoria econômica de Marx. Entretanto, ninguém tentou mostrar com suficiente clareza como, das relações de produção entre os homens, surgiram as categorias de que estou falando. Eis por que, quando passamos ao trabalho abstrato, surgiu uma ruptura total entre o primeiro e o segundo conceitos. O trabalho abstrato foi definido como igual ao trabalho fisiológico, ou seja, a forma das relações de produção entre as pessoas enquanto proprietárias de mercadorias foi completamente rejeitada. Esquecemos essa forma e de repente nos encontramos na esfera do trabalho fisiológico, que é o mesmo para todas as épocas históricas.

Quanto à passagem do conceito de trabalho abstrato ao de valor, devo dizer que sempre estiveram intimamente ligados na literatura marxista. Seria realmente

muito estranho se os defensores da teoria do valor-trabalho não ligassem o conceito de trabalho ao de valor. Mas tal ligação cobrou um alto preço, pois o valor praticamente foi identificado ao trabalho e não ficou claro o que realmente os distinguiu. Na transição seguinte, do valor ao valor de troca, ocorreu outra ruptura. O valor foi identificado ao trabalho, e, assim, não sabemos como o valor de troca surgiria do valor. Por fim, a conexão entre o conceito de valor de troca e o de dinheiro sempre foi constante na literatura marxista, pois Marx destacou tal conexão e lhe deu atenção especial. Dessa forma, as cinco categorias listadas acima foram divididas em três grupos. No primeiro grupo estavam as relações de produção dos produtores de mercadorias; no segundo, trabalho abstrato e valor; no terceiro, valor de troca e dinheiro. O sistema com as cinco categorias foi assim interrompido em dois pontos, a saber, no da passagem das relações de produção ao trabalho abstrato e no da passagem do valor ao valor de troca.

Essas rupturas desaparecem quando compreendemos o trabalho abstrato como um trabalho que tem forma social definida, bem como quando compreendemos valor como unidade entre conteúdo e forma.

Por meio dessas duas reformulações, obtemos uma conexão lógica ininterrupta entre todas as categorias enumeradas. O conceito de trabalho abstrato surge de uma forma determinada das relações de produção entre os homens, enquanto produtores de mercadorias. E é do trabalho abstrato, compreendido não como trabalho fisiologicamente igual, mas como forma específica de equiparação do trabalho sob a produção mercantil, que surge necessariamente o conceito de valor. Este, considerado como unidade entre conteúdo e forma, relaciona-se, por seu conteúdo, ao conceito anterior de trabalho abstrato, e, por sua forma, ao conceito seguinte de valor de troca. Por fim, o desenvolvimento do valor de troca leva necessariamente ao dinheiro.

Não é do meu interesse dar a entender que todos esses conceitos conectados se apresentam a vocês como um movimento lógico, onde uns geram outros. A estreita conexão dos conceitos mencionados, que se sucedem logicamente, pode ser explicada pelo fato de que se baseiam no conceito de relações de produção entre pessoas produtoras de mercadorias. Esse conceito contém em si uma variedade de relações sociais reais entre as pessoas, que frequentemente se chocam e se desenvolvem ininterruptamente. As categorias econômicas expressam "formas de ser, determinações da existência, frequentemente apenas aspectos unilaterais dessa sociedade específica" (MARX, 1961a, p. 637). A unidade lógica das categorias econômicas se explica pela unidade real dessa própria sociedade, o verdadeiro objeto da nossa investigação.

REFRÊNCIAS

- DASCHKOWSKIJ, Isaak, "Abstraktuy trud i ekonomitscheskije kategorü Marksa" [Trabalho abstrato e categorias econômicas em Marx], in *Pod Znamenem Marksizma* [Sob a bandeira do marxismo], n. 6, Moscou, 1926;
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* [Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio], in *Werke in zwanzig Bänden* [Obras em vinte volumes], Vol. 8, Frankfurt/Main, 1970;
- ENGELS, Friedrich, "Karl Marx, 'Zur Kritik der Politischen Ökonomie'." in *MEW* [MARX-ENGELS WERKE], vol. 13, Berlin: Dietz Verlag, 1961.
- MARX, Karl, & ENGELS, Friedrich, *Die deutsche Ideologie* [A ideologia alemã], in *MEW*, vol. 3, 1959;
- MARX, Karl, *Das Kapital* [O capital], vol. I, em russo, Moscou, 1923;
- _____, *Das Kapital* [O capital], vol. 1, in *MEW*, vol. 23, Berlin: Dietz Verlag, , 1956;
- _____, *Das Kapital* [O capital], vol. 1, 1ª edição (1867). Apêndice ao capítulo 1.1. "A forma de valor". Reedição: AOKI-SHOTEN, Tóquio, 1959;
- _____, "Einleitung zur Kritik der Politischen Ökonomie" [Introdução à crítica da economia política], in *MEW*, vol. 13, 1961a;
- _____, *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* [Para a crítica da economia política], in *MEW*, vol. 13, 1961b;
- _____, *Das Kapital* [O capital], 1ª edição (1867). In *Marx-Engels-Studienausgabe* [Edição de estudo Marx-Engels]. Vol. 2, Frankfurt/M., 1966;
- _____, *Theorien über den Mehrwert* [Teorias do mais-valor], vol. 3, in *MEW*, vol. 26.3, 1968;
- _____, *Le Capital*, vol. 1. Paris: Garnier-Flammarion, 1969;
- RUBIN, Isaac, *Studien zur Marxschen Werttheorie* [Estudos sobre a teoria do valor de Marx; ed. brasileira: *idem*, *A teoria marxista do valor*, São Paulo: Brasiliense, 1980], Frankfurt/M, 1973.

